



A EXPERIÊNCIA OLÍMPICA





DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA/ ABRIL DE 2008

VOLUME 13 / NÚMERO 4

<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>

Programas de Informações Internacionais:

Coordenador	Jeremy F. Curtin
Editor executivo	Jonathan Margolis

Diretor de criação	George Clack
Redator-chefe	Richard W. Huckaby
Editora-gerente	Charlene Porter
Editora associada	Alexandra Abboud
Gerente de produção	Susan L. Doner
Assistente de gerente de produção	Sylvia Scott
Editora de cópias	Rosalie Targonski

Editora de fotografia	Maggie J. Sliker
Ilustração da capa	Min Yao
Especialistas em referências	Martin Manning Lynne D. Scheib

Revisora de português	Marília Araújo
-----------------------	----------------

Capa: A atriz grega Maria Nafpliotou, interpretando o papel de uma summa sacerdotisa, ergue a tocha olímpica, acesa no altar contendo a chama olímpica, sinalizando o início do revezamento da tocha das Olimpíadas de Verão de 2008. O revezamento começou em março, perto do Templo de Hera, em Antiga Olímpia, onde nasceram as Olimpíadas em 776 AC.

Thanassis Stavrakis/© AP Images

Detalhe: Fotografia do logo das Olimpíadas de Pequim 2008.

Greg Baker/© AP Images

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica uma revista eletrônica mensal com o logo *eJournal USA*. Essas revistas analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma nova revista em inglês, seguida pelas versões em espanhol, francês, português e russo. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites de internet para os quais há link nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Escritório de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos em <http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na Embaixada dos EUA em seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, eJournal USA
IIP/PUBJ
U.S. Department of State
301 4th Street, SW
Washington, DC 20547
United States of America
E-mail: eJournalUSA@state.gov

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Quando um medalhista olímpico se posiciona no centro do palco mundial, um momento único, de olhos marejados e coração disparado, revela um sonho de uma vida toda se tornando realidade. Ousamos dizer que quase todas as pessoas do planeta que têm televisão já viram esse momento pelo menos uma vez na vida e se perguntaram como deve ser essa emoção. Para esta edição de *ejournal USA*, fomos atrás de atletas que pudessem nos contar sobre isso.

A cada quatro anos, quando as nações se reúnem nas Olimpíadas, o evento coloca sob os holofotes do mundo aspirações nacionais e causas internacionais. Em 2008, essa “celebração da humanidade”, como definiu um de nossos colaboradores, será exibida em Pequim, cidade que também tem se esforçado pela excelência ao se preparar para receber o mundo. Vamos ver algumas das excepcionais novidades incorporadas ao horizonte da cidade e saber dos planos dos chineses para sediar o evento que reflete o lema “Um mundo, um sonho”.

No entanto, o âmago das Olimpíadas é a celebração da excelência individual — o que os gregos, que inventaram os Jogos em 776 AC, chamavam de arêta. Veteranos das Olimpíadas que compartilham suas histórias nestas páginas falam sobre o trabalho feito antes dos momentos de glória, de pequenas vitórias e de grandes decepções. Vamos ler sobre lesões, contratemplos e dias quando o sonho olímpico era um mero vislumbre. Os atletas que você vai conhecer nestas páginas falam com humildade e sinceridade sobre suas experiências nos Jogos Olímpicos.

Um ginasta americano descreve seu sonho incansável de participar de uma equipe olímpica, mesmo depois de ter sofrido uma lesão que poderia ter colocado fim à sua carreira. Uma corredora romena nos conta como deixou para trás a dor física nos últimos 100 metros. Um jogador de futebol dos EUA descreve como é possível ter honra quando se perde um bom jogo.

As histórias dos atletas olímpicos falam não apenas sobre eles próprios, mas sobre o esforço humano em geral e a necessidade de ser persistente e tenaz na busca da excelência, de aceitar e ter dignidade face ao fracasso.

Momentos olímpicos de sucesso e fracasso são transmitidos para o mundo por milhares de jornalistas que se deslocam para as cidades-sede.



Esta escada em Hong Kong mostra a história dos Jogos Olímpicos modernos quando os chineses se preparam para os eventos de 2008

Alguns jornalistas veteranos também compartilham memórias de suas experiências na Vila da Mídia e em torno dela.

À medida que os Jogos Olímpicos se aproximam nas próximas semanas, algumas nações e alguns competidores aguçarão suas esperanças de vitória, e um toque de tambor ressoará para as cobiçadas medalhas. Talvez estas páginas façam lembrar que o verdadeiro significado dos Jogos Olímpicos não está nas medalhas, mas no esforço humano compartilhado por excelência e na nossa devoção para perseguir um propósito na vida.

—Os editores



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / ABRIL DE 2008 / VOLUME 13 / NÚMERO 4
<http://www.america.gov/publications/ejournals.html>

A EXPERIÊNCIA OLÍMPICA

Preparação para os Jogos

4 Ideais Olímpicos e Realidades do Mundo

Controvérsias geopolíticas podem ofuscar os ideais e as tradições da competição olímpica nos Jogos de 2008.

6 Administração de Esportes Olímpicos nos Estados Unidos

BRIDGET HUNTER, EX-DIRETORA DO USADIVING;
EDITORA DA EQUIPE DO BUREAU DE PROGRAMAS DE
INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS DO DEPARTAMENTO
DE ESTADO DOS EUA.

Os Estados Unidos diferem da maioria das outras nações que enviam equipes aos Jogos Olímpicos pela forma de organização e financiamento dos atletas e seus esportes.

8 As Novidades nos Jogos de Pequim

Os eventos olímpicos mudam com o passar do tempo, e os Jogos de 2008 vão introduzir novos eventos esportivos, inclusive a primeira competição de bicicross olímpico.

9 De Espectadora a Campeã: Evolução do Papel da Mulher Olímpica

As atletas eram banidas dos Jogos Olímpicos na Grécia Antiga, mas hoje números recordes de mulheres estão competindo.

10 “Espírito em Movimento”

Depois dos Jogos Olímpicos em agosto, os Jogos Paraolímpicos começam em Pequim, e atletas com deficiência tomam conta do palco mundial.

11 Arquitetura Olímpica: Construções mais Altas e mais Fortes

A Galeria de Fotos mostra como Pequim se junta a outras cidades-sede das Olimpíadas na construção de novos marcos para o esporte.

Por Dentro dos Jogos

14 O Público nos Levantou

BART CONNER

Ginasta olímpico americano recorda os grandes momentos de sua jornada ao pódio de medalhas.

17 O Hino Nacional da Minha Pátria

IZTOK COP

Remador esloveno representa uma nova nação nos Jogos Olímpicos e dá a seu país um momento especial no palco do mundo.

20 Tudo o Mais Pára

GABRIELA SZABO

A corredora romena campeã do mundo revela como se sente ao arrancar para os metros finais de uma corrida e cruzar a linha de chegada.

22 Competir Sempre pelo Objetivo Maior

DAWN STALEY

Medalhista de ouro três vezes retorna aos Jogos Olímpicos como técnica da equipe feminina de basquete dos EUA em 2008.

24 Perde-se Muito Antes de Chegar Lá

TAB RAMOS

Nas Olimpíadas de Seul em 1988, esse jogador de futebol dos EUA aprendeu uma lição sobre perder que o orientou durante toda a sua longa carreira profissional.

26 O Grande Clímax

BERNARD LAGAT

Corredor campeão de longas distâncias está ansioso para participar pela terceira vez dos Jogos Olímpicos, desta vez como cidadão americano.

28 Dando o Máximo

RULON GARDNER

Campeão americano de luta greco-romana superou uma séria lesão para participar pela segunda vez dos Jogos Olímpicos.

30 Percepção da Água

JANET EVANS

Nadadora americana detentora de recordes relembra os momentos importantes em três participações nos Jogos Olímpicos.

33 Os Competidores

Galeria de Fotos dos principais atletas internacionais dá uma idéia de quem pode brilhar nas Olimpíadas de Pequim 2008.

Da Cabine de Imprensa

38 Maratona Jornalística

CLÁUDIO NOGUEIRA, JORNALISTA ESPORTIVO, O GLOBO, RIO DE JANEIRO

Jornalista esportivo brasileiro descreve o ritmo atlético dos jornalistas nos Jogos de Atenas em 2004.

40 O Maior Velocista Vira Pó

JAMES MOSSOP, COLUNISTA ESPORTIVO, SUNDAY TELEGRAPH, LONDRES

O jornalismo esportivo e a competição olímpica mudaram o futuro dos Jogos Olímpicos nas Olimpíadas de Seul em 1988.

42 “Alguma Coisa Está Acontecendo na Vila Olímpica”

BARRY NEWCOMBE, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS ESPORTIVOS DA GRÃ-BRETANHA

Jornalista esportivo recorda o incidente terrorista que transtornou os Jogos Olímpicos de 1972 em Munique.

44 Recursos

PREPARAÇÃO PARA OS JOGOS

Ideais Olímpicos e Realidades do Mundo

Nos próximos meses, quase 11 mil atletas se reunirão em Pequim para as Olimpíadas de 2008, na esperança de dar o melhor de si para cumprir o lema olímpico “mais rápido, mais alto, mais forte”. Ao mesmo tempo, proponentes de causas bem diferentes — que incluem a melhoria dos direitos humanos, a mídia livre e a qualidade do meio ambiente na China — também estarão competindo pela atenção do mundo.

O início dos Jogos Olímpicos está marcado para 8 de agosto, em Pequim, e desde os Jogos de Seul, em 1988, é a primeira vez que o evento de verão é realizado no Leste Asiático. Desde que foram escolhidos pelo Comitê Olímpico Internacional para sediar os Jogos, em 2001, os chineses vêm trabalhando para receber o mundo em sua capital.

Seus esforços têm sido acompanhados por uma série de questões — de organizações não-governamentais, ativistas de direitos humanos e até alguns governos — sobre a prontidão da cidade e da nação para sediar um evento global que de várias formas simboliza as mais elevadas aspirações da humanidade. O histórico de direitos humanos da China prejudica suas qualificações para sediar esse evento? Em março, na cerimônia de acendimento da tocha olímpica na Grécia, protestos contra a política da China ofuscaram o brilho do evento. Enquanto a tocha olímpica passava por várias cidades, sua chegada era saudada por alguns e execrada por outros que se recusam a aceitar Pequim como sede dos Jogos. Com que frequência isso acontecerá, já que os Jogos se aproximam?

Protestos e passeatas chamam a atenção negativa da mídia sobre a China, cujo governo ainda é tido como au-



Uma atriz, à esquerda, fez o papel de uma suma sacerdotisa da Grécia Antiga, passando a chama olímpica sagrada para o atleta grego de taekwondo Alexandros Nikolaidis, à direita, durante cerimônia de acendimento realizada em março. Ativistas dos direitos humanos interromperam a cerimônia por um breve momento

ARIS MESSINIS/AFP/Getty Images

toritário, segundo o relatório sobre direitos humanos do Departamento de Estado divulgado em março de 2008. “O governo reforçou as restrições à liberdade de expressão e de imprensa, especialmente antes e durante eventos considerados sensíveis”, revelou o relatório.

Centenas de representantes da mídia estarão na China para os Jogos Olímpicos. Se eles sofrerem restrições em seus trabalhos de reportagem, então a China poderá entrar em conflito com seu maior parceiro no patrocínio dos Jogos, o Comitê Olímpico Internacional (COI), órgão comprometido com um ambiente de mídia livre de acordo com as disposições de sua Carta Olímpica. “O COI toma todas as medidas necessárias para assegurar a mais completa cobertura por intermédio dos diferentes meios de comunicação e a maior audiência possível no mundo todo para os Jogos Olímpicos”, segundo sua Carta.

Em declaração divulgada antes da cerimônia de acen-

dimento da tocha, na Grécia, o presidente do COI, Jacques Rogge, falou sobre o compromisso de longa data com uma mídia livre em razão da controvérsia iniciada em março com os desentendimentos entre as autoridades tibetanas e chinesas.

“Acreditamos que a China mudará ao abrir o país aos olhos do mundo, por intermédio dos 25 mil meios de comunicação que estarão presentes para cobrir os Jogos”, acrescentou. “Os Jogos Olímpicos são uma força para o bem. Eles são um catalisador para a mudança, não um remédio para todos os males.”

A China vem trabalhando para mudar em diversas áreas nesses anos de preparação para os Jogos. A má qualidade do ar e outros problemas ambientais suscitaram dúvidas sobre a conveniência de Pequim como cidade anfitriã à época da seleção. Em resposta, a cidade vem trilhando um caminho sólido na direção de políticas ambientais mais saudáveis em meio a um passo acelerado rumo ao crescimento econômico. Com assistência técnica da Agência de Proteção Ambiental dos EUA, a China tem trabalhado para melhorar suas condições e criar uma Olimpíada verde, investindo US\$ 120 bilhões no esforço, segundo a Televisão Central da China.

O COI também vem monitorando o meio ambiente em Pequim e seu potencial impacto no desempenho dos atletas. Em comunicado de março de 2008 baseado em dados de desempenho dos atletas, coletados em agosto de 2007, em Pequim, o órgão revelou que “de modo geral, a saúde dos atletas não foi prejudicada”.

Apesar desses esforços, alguns atletas expressaram preocupação sobre como a má qualidade do ar poderia afetar seu desempenho, e os especialistas em probabilidades não estão preocupados em quebras de recordes de desempenho em Pequim.



Funcionários da Prefeitura de Pequim preparam-se para destruir fogões à carvão, confiscados dentro de certos distritos locais, como parte de um esforço para reduzir a poluição do ar da cidade. Os fogões são comumente usados para cozinhar e aquecer casas e restaurantes mais antigos

Color China Photo © AP Images

A crescente atenção pública para esse amontoado de controvérsias está abrindo caminho em direção aos níveis políticos mais elevados de algumas nações. Alguns líderes ocidentais anunciaram que não estarão presentes às cerimônias de abertura. Outros rejeitam as tentativas de misturar política com esporte.

Como esta publicação está indo ao ar quatro meses antes dos Jogos, não temos como saber o que acontecerá no dia da abertura em agosto. Não obstante os problemas e as incertezas, continuamos a desejar que os organizadores chineses recebam o mundo em Pequim dentro do espírito olímpico e que os atletas tenham a oportunidade de brilhar no cenário mundial.

O comitê organizador dos Jogos de Pequim resume esse espírito com o lema “Um mundo, um sonho”. Segundo a explicação do comitê anfitrião para o lema: “Apesar das diferenças de cor, idioma e raça, compartilhamos o encanto e a alegria dos Jogos Olímpicos e, juntos, buscamos o ideal de paz para toda a humanidade. Pertencemos ao mesmo mundo e temos as mesmas aspirações e sonhos.” ■

— Charlene Porter

Administração de Esportes Olímpicos nos Estados Unidos

Bridget Hunter

Os Estados Unidos diferem da maioria das outras nações que enviam equipes aos Jogos Olímpicos pela forma de organização e financiamento dos atletas e seus esportes.

Bridget Hunter é ex-diretora do USADiving, órgão nacional de administração de mergulho competitivo nos Estados Unidos. É atualmente editora no Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado.



Benita Fitzgerald Mosley, medalhista de ouro olímpica em 1984 e diretora dos centros de treinamento olímpico nos Estados Unidos, posa em frente ao Centro de Treinamento Olímpico em Chula Vista, na Califórnia. Há outros centros de treinamento no Colorado, em Nova York e em Michigan

Lenny Ignézi/AP Images

A participação dos EUA nos Jogos Olímpicos, embora enquadrada e autorizada pela legislação federal, depende de empresas privadas, filantropia individual e fundamentalmente da energia e do talento de milhares de voluntários que tornam os sonhos olímpicos uma realidade para atletas e técnicos americanos.

O Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC), com sede no Colorado, é o órgão coordenador das atividades atléticas relacionadas com as Olimpíadas nos Estados Unidos. Segundo o site da organização, o comitê procura “ajudar na busca de oportunidades para que os americanos pratiquem esportes, independentemente de gênero, etnia, idade, geografia ou habilidade física”.

O USOC se destaca na comunidade internacional esportiva por ser financiado por contribuições de cidadãos privados e importante apoio da comunidades empresarial. O USOC, ao contrário da grande maioria dos 198 comitês olímpicos nacionais, não recebe subsídio contínuo do

governo. Além dos recursos gerados por doações, patrocínios e taxas de licenciamento, o USOC licencia e vende roupas esportivas e outros itens por meio de catálogos e loja on-line.

O financiamento também vem da Fundação dos Jogos Olímpicos nos EUA, entidade sem fins lucrativos criada após os Jogos Olímpicos de 1984 em Los Angeles, em prol dos esportes olímpicos e amadores nos Estados Unidos. O investimento do capital original — aproximadamente US\$ 115 milhões — foi conseguido por meio da venda de moedas comemorativas das Olimpíadas pelo governo dos EUA e por verbas excedentes do orçamento operacional dos Jogos de Los Angeles de 1984.

A fundação pretende reinvestir até 50% do retorno do investimento e distribuir os outros 50% em doações para as organizações que fazem parte do USOC para o desenvolvimento dos esportes nos Estados Unidos.



Sandy Huffaker / © AP Images

O técnico americano Todd Henson filma a atleta de salto com vara Lindsay Taylor para avaliar sua técnica no Centro de Treinamento Olímpico em Chula Vista, na Califórnia. Muitos treinadores olímpicos estão usando software de análise de vídeo para ajudar no aperfeiçoamento do desempenho dos atletas

AUTORIZAÇÃO FEDERAL, FINANCIAMENTO PRIVADO

A Lei Ted Stevens para o Esporte Olímpico e Amador, legislação federal promulgada em 1978 que leva o nome do senador americano de longo mandato pelo Alasca, regeu o USOC e estabeleceu exigências específicas para seus órgãos-membros administrativos no que se refere aos esportes individuais. Segundo a lei, a finalidade do USOC é “promover e apoiar as atividades atléticas amadoras que envolvem os Estados Unidos e nações estrangeiras”. A lei recebeu emenda em 1998 para ampliar o papel do USOC e incluir os Jogos Paraolímpicos e aumentar a representação dos atletas.

Legalmente, o USOC é um monopólio. A Lei Stevens direciona o USOC para “exercer jurisdição exclusiva” sobre todos os assuntos referentes à participação dos EUA em Jogos Olímpicos, Jogos Paraolímpicos e Jogos Pan-Americanos e é reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como comitê olímpico nacional dos Estados Unidos.

O COI reconhece nacionalidades esportivas em vez de nacionalidades políticas, guiado por decisões da Corte de Arbitragem do Esporte (CAS), painel judicial internacional que tem as controvérsias esportivas sob sua jurisdição exclusiva. A CAS determinou que a nacionalidade esportiva se refere à qualificação de um atleta para competição internacional como representante de uma nação ou de outra. Segundo a CAS, esse é um status diferente do de cidadania legal individual.

O conceito de nacionalidades esportivas permite que territórios independentes, commonwealths, protetorados e certas áreas geográficas tenham identidades distintas para a competição atlética internacional. Por exemplo, o território americano de Porto Rico envia seu próprio time para as competições internacionais. Cada comitê olímpico nacional administra os assuntos olímpicos dentro de sua jurisdição, inclusive na identificação, treinamento, seleção, inscrição e financiamento de uma equipe olímpica na sua viagem aos Jogos.

Grande parte das responsabilidades do USOC na seleção e no treinamento de atletas olímpicos está a cargo dos seus mais de 70 órgãos de administração nacionais (NGBs) para esportes individuais. Os NGBs, além de suas responsabilidades olímpicas, executam uma gama de atividades para promover seus esportes, ampliando a participação, aumentando o apoio público, estimulando a construção de estabelecimentos de qualidade competitiva e determinando normas para a competição. Em geral, os NGBs dos EUA operam com equipes muito pequenas de funcionários pagos e dependem de voluntários — membros do conselho e do comitê, bem como funcionários de todos os níveis de competição — para executar uma grande parte do trabalho envolvido na administração esportiva.

Cada NGB coordena suas atividades, não apenas com o USOC, mas também com a federação internacional de esportes que administra a competição internacional em um determinado esporte ou em determinados esportes. Por exemplo, a USA Swimming, que estabelece as regras para os eventos de natação competitiva de todos os tipos e para todas as idades nos Estados Unidos, é responsável por garantir que os eventos internacionais sediados pelos EUA sejam conduzidos de acordo com as normas estabelecidas pela Fina, a federação internacional de esportes aquáticos.

Cada NGB dos EUA financia suas operações por meio de várias fontes, como taxa de associação; taxas de inscrição em competições; venda de trajes esportivos, acessórios, equipamento e itens promocionais; além de doações filantrópicas.

Para muitos NGBs, um apoio financeiro significativo provém de seus ex-alunos — antigos competidores que querem fazer algo pelo esporte que os enriqueceram de uma forma que não pode ser medida em troféus e medalhas. ■

As Novidades nos Jogos de Pequim

As Olimpíadas de Verão de 2008, em Pequim, apresentarão uma competição de padrão internacional em 28 esportes diferentes, alguns novos e outros com longa história no movimento olímpico.

Esportes como os aquáticos, o ciclismo, o remo, o tênis e a luta livre constituem eventos olímpicos desde o final do século 19. Outros, como o triatlo e o taekwondo, só foram incluídos nas Olimpíadas de Verão de 2000.

Muitos esportes foram acrescentados, modificados ou excluídos do programa ao longo desses anos de Olimpíadas modernas. Embora nenhum esporte novo vá ser apresentado em Pequim, novos eventos esportivos farão sua estréia: no ciclismo, o bicicross (BMX) individual nas categorias masculino e feminino; e nos esportes aquáticos uma maratona de 10 quilômetros para homens e mulheres.

O BMX é uma modalidade do ciclismo para bicicletas especiais com rodas mais largas ou menores do que as das bicicletas tradicionais, o que permite aos atletas fazer suas manobras. De acordo com o Olympic.org, o BMX foi desenvolvido nos Estados Unidos no final dos anos 1960 por jovens que queriam participar de um esporte denominado motocross. A motocicleta é o equipamento necessário para o motocross, mas esses jovens não tinham dinheiro para comprar um equipamento mais caro. Ao substituir a motocicleta por uma bicicleta mais barata, os participantes passaram a usar os equipamentos do motocross e a correr com suas bicicletas em pistas construídas por eles mesmos. Nas Olimpíadas, os atletas de BMX competirão em circuitos de 350 metros que incluirão saltos e obstáculos.

A nova maratona de natação de 10 quilômetros é uma competição de longa distância em água aberta. O evento de Pequim não será realizado nas piscinas de temperatura controlada de 50 metros onde ocorrerão várias outras competições de natação, mas no Parque Olímpico de Remo



Pilotos competem na Copa do Mundo Supercross de Motocross (BMX), em 2007, um dos 26 eventos de teste que estão sendo realizados em vários locais olímpicos de Pequim. O BMX faz sua estréia olímpica nos Jogos de Pequim de 2008

e Canoagem de Shunyi, que tem uma superfície de água de 6,35 milhões de metros quadrados onde também serão realizados os eventos de remo, canoagem e caiaque.

Para chegar ao final da maratona de natação, os atletas — 25 homens e 25 mulheres — darão 4 voltas ao redor do lago de remo de Shunyi, uma distância que normalmente poderia ser percorrida em menos de duas horas.

Além dos novos eventos, BMX e maratona de natação, as competições femininas foram acrescentadas aos atuais eventos masculinos dos esportes equestres e da esgrima. E as competições de duplas no tênis de mesa serão substituídas por eventos de equipe.

Os eventos apresentados nos Jogos Olímpicos mudam com o tempo. Cabo de guerra, pólo, esqui aquático e motonáutica são esportes que saíram das competições. O Comitê Olímpico Internacional mantém uma lista de novos esportes propostos e periodicamente reconsidera os eventos que poderão ser incluídos ou excluídos nas próximas Olimpíadas.

—Alexandra Abboud

Esportes das Olimpíadas de Verão 2008

Aquáticos	Handebol	Taekwondo
Atletismo	Hipismo	Tênis
Badminton	Hóquei	Tênis de mesa
Basquete	Judô	Tiro com arco
Beisebol	Levantamento de peso	Tiro esportivo
Boxe	Luta olímpica	Triatlo
Canoagem	Pentatlo moderno	Vela
Ciclismo	Remo	Vôlei
Esgrima	Softbol	
Futebol		
Ginástica		

De Espectadora a Campeã: Evolução do Papel da Mulher Olímpica

A participação das mulheres nos Jogos Olímpicos percorreu um longo caminho desde que foram impedidas pelos gregos de participar das Olimpíadas.

Nos Jogos Olímpicos de 1900, em Paris, França, as francesas Filleaul Brohy e Marie Ohnier competiram em provas de croqué e se tornaram as primeiras mulheres a disputar um evento olímpico. No mesmo ano, a tenista Charlotte Cooper, da Grã-Bretanha, tornou-se a primeira campeã feminina. Um século depois, durante os Jogos de Verão de 2004 em Atenas, berço das Olimpíadas, competiram 4.329 mulheres, respondendo por 40,7% do número total de atletas e estabelecendo um recorde de participação olímpica feminina.

Mas essa participação feminina nos Jogos vai além do atletismo, e uma reflexão histórica dos papéis desempenhados por mulheres nas Olimpíadas mostra uma linha de evolução na qual elas passam de espectadoras a campeãs e administradoras influentes.

A Carta Olímpica tem como objetivo “estimular e apoiar a promoção da mulher no esporte em todos os níveis e em todas as estruturas com a intenção de implementar o princípio da igualdade de homens e mulheres”. O movimento olímpico apresenta uma importante aliança de organizações para essa tarefa: o Comitê Olímpico Internacional (COI); os Comitês Olímpicos Nacionais (CONs), compostos de representantes dos Estados participantes; e as Federações Internacionais (FIs), organizações não-governamentais que regem os esportes em nível mundial.

Em consequência, os COI, os CONs e as FIs estabeleceram metas para que as mulheres galguem posições de comando e liderança no universo olímpico. Atualmente, entre 155 membros do COI, 15 são mulheres, em comparação com apenas 12 em 2005.



Kelly Holmes da Grã-Bretanha, na frente das outras corredoras, ao cruzar a linha de chegada para ganhar a medalha de ouro nos 1.500 metros para mulheres nos Jogos Olímpicos de 2004 em Atenas

Rusty Kennedy/AP Images

Em março de 2008, durante a 4ª Conferência Mundial do COI sobre a Mulher e o Esporte, realizada na Jordânia, 600 membros homens e mulheres do Movimento Olímpico se reuniram para discutir vários assuntos, como novas oportunidades para aumentar a participação de mulheres no esporte, mulheres atletas como exemplos para jovens do sexo feminino e o modo como a cultura determina o acesso da mulher ao esporte.

Um dos resultados dessa conferência foi o chamado Plano de Ação do Mar Morto, que estuda formas de “aproveitar todas as oportunidades disponíveis no Movimento Olímpico para fazer avançar a causa das mulheres no esporte e por meio do esporte”, inclusive enfatizando a igualdade de gênero em equipes nacionais, sua liderança, sua atuação técnica, além de estimular jornalistas espor-

tivas a cobrir ativamente os Jogos.

Na prática, as mulheres trabalham para encorajar a participação esportiva em seus países natais. Uma atleta, Datuk Seri Azalina Othman Said, a primeira e mais jovem ministra da Juventude e dos Esportes da Malásia, foi reconhecida pelo COI, entre outras coisas, por seu trabalho na criação de cerca de 600 centros comunitários que possibilitaram a participação de quase 100 mil mulheres em atividades esportivas.

No nível mais básico, toda mulher que aspira ser atleta tem o papel de assegurar a igualdade nas Olimpíadas. Em um podcast disponível no site do COI, Barbara Kendall, membro do COI e campeã olímpica de windsurfe, tem uma mensagem para as meninas de todo o mundo: “Se vocês querem realmente fazer algo, sempre encontrarão um caminho. Sigam seus sonhos, sem os quais nenhuma história é possível.”

— Alexandra Abboud

“Espírito em Movimento”

Em agosto, quando os Jogos Olímpicos chegarem ao fim, um segundo grupo de elite formado por atletas de nível internacional chegará a Pequim. Perto de 4 mil atletas paraolímpicos provenientes de cerca de 140 países viajarão para a China a fim de pôr à prova suas habilidades nos Jogos Paraolímpicos de 6 a 17 de setembro.

O lema do Movimento Paraolímpico Internacional é “Espírito em Movimento”, palavras que captam o objetivo de seus esforços, “permitindo a atletas de todas as partes do mundo unir-se em um único palco, inspirando e entusiasmando o mundo com seus desempenhos.”

O Comitê Paraolímpico Internacional (CPI), sediado em Bonn, teve início em 1948 em uma competição para veteranos lesionados da Segunda Guerra Mundial. Os jogos ao estilo olímpico para atletas deficientes foram realizados pela primeira vez em 1960 e, em 1988, os jogos paraolímpicos, de inverno e de verão, juntaram-se aos jogos olímpicos na mesma cidade sede.

Os objetivos desse movimento vão muito além de uma série de duas semanas de eventos a cada dois anos. O presidente do Comitê Paraolímpico Internacional, Philip Craven, afirma que o esporte “injeta força nas pessoas para que lutem por suas vidas em busca de maior realização”. Craven, que usa cadeira de rodas devido a um acidente na adolescência, é atleta paraolímpico pela quinta vez. Ele fez esse comentário em entrevista ao site oficial dos Jogos de Pequim.

O Comitê Paraolímpico dos EUA cita resultado de pesquisa segundo a qual a atividade física ajuda as pessoas a viver melhor — elas têm melhor relacionamento e um



Três atletas paraolímpicos aceleram em direção à linha de chegada durante os 200 metros finais nos Jogos Paraolímpicos de 2004. Oscar Pistorious, da África do Sul, no centro, ganhou a corrida, quebrando o recorde mundial em sua categoria. O americano Danny Andrews, à esquerda, recebeu três medalhas de ouro em outros eventos naquele ano. O americano Marlon Shirley, à direita, ganhou prata nessa corrida e ouro nos 100 metros naquele ano

Petros Karadjias/AP Images

maior sentimento de realização que se estende além da própria atividade física para influenciar todos os aspectos da vida. A Paraolímpicos dos EUA, divisão do Comitê Olímpico dos EUA, quer levar essa mensagem a 21 milhões de americanos com deficiência que têm índices de atividade física tipicamente mais baixos do que a média.

Além de treinamento e apoio fornecidos aos atletas

de elite que competirão em nível mundial, a Paraolímpicos dos EUA trabalha para aumentar o acesso aos esportes por pessoas com deficiência no nível da comunidade, com o objetivo de estabelecer programas em 250 cidades até 2012.

No início de 2008, o CPI lançou o Programa Atleta Paraolímpico Embaixador, indicando 11 ex-atletas e atletas ativos para aumentar a conscientização e compreensão dos jovens sobre o Movimento Paraolímpico.

—Charlene Porter



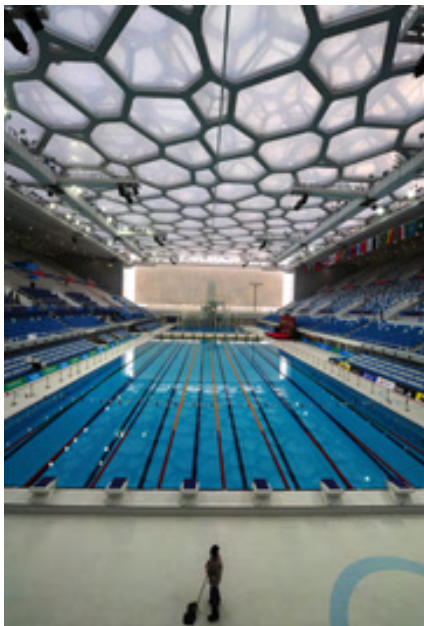
Petros Karadjias/AP Images

A cadeirante paraolímpica Cheri Blauwet, na linha de partida da Maratona de Los Angeles, perseverou para ganhar a corrida em março. Também medalhista do ouro nos Jogos Paraolímpicos de 2004, Blauwet está agora colaborando no Programa Atleta Paraolímpico Embaixador

Arquitetura Olímpica: Construções mais Altas e mais Fortes

O mote olímpico é “mais rápido, mais alto, mais forte”. Normalmente um mantra para as aspirações dos atletas, o mote também poderia ser aplicado às cidades que recebem os Jogos. As cidades competem pela aprovação do Comitê Olímpico Internacional para sediar os Jogos porque a história provou que os eventos podem ser muito lucrativos, trazendo turistas e espectadores, televisionando a cidade e destacando suas atrações.

Quando uma cidade é escolhida para ser a sede das Olimpíadas, esteja certo de que construções importantes virão. Construir novas sedes esportivas e acomodações para os atletas, para a mídia e para os espectadores tornou-se parte do papel dos anfitriões para receber o mundo nesse evento realizado a cada quatro anos. Os melhores arquitetos do mundo competem para serem escolhidos e empregam as técnicas mais ousadas e inovadoras de sua época. As estruturas construídas passam a compor a linha do horizonte da cidade e tornam-se monumentos para aquelas duas semanas em que os olhos do mundo estão voltados para um único local. O Comitê Organizador de Pequim para os Jogos das XXIX Olimpíadas desempenhou seu papel nessa tradição construindo algumas novas instalações extraordinárias. Elas são mostradas nestas páginas juntamente com exemplos de proezas arquitetônicas realizadas por outras cidades olímpicas nas últimas décadas.



FREDERIC J. BROWN / AFP/Getty Images

Esta foto do interior do Cubo D'Água foi tirada quando as autoridades abriram a instalação para a mídia em janeiro de 2008



Xinhua, Luo Xiaoguang/AP Images



CHENG GONG/ChinaFotoPress/Getty Images

Vista noturna do Estádio Nacional de Pequim, construído em antecipação aos Jogos e terminado em 2008. A arquitetura ímpar de sua estrutura recebeu o apelido de “Ninho de Pássaro”. O estádio sediará as cerimônias de abertura e encerramento das Olimpíadas de Verão de 2008 em Pequim e as competições de atletismo

O Comitê Organizador Olímpico de Pequim para os Jogos das XXIX Olimpíadas construiu o Centro Aquático Nacional para os Jogos de 2008. Conhecido como Cubo D'Água, o ginásio tem capacidade para 17 mil pessoas e será sede dos eventos de natação, mergulho e nado sincronizado

Arquitetura Olímpica



TORSTEN BLACKWOOD/AFP/Getty Images



© Paul Murphy/Sydney Webcam

Dezenove torres iluminadas a energia solar ao longo do Boulevard Olímpico representam o número de cidades que sediaram os Jogos Olímpicos antes de 2000, quando Sydney foi a sede dos eventos

Em Sydney, vista aérea do Boulevard Olímpico da Austrália, que reúne o Centro Aquático Internacional, acima; o Estádio da Austrália, ao centro; e o Superdome, à frente. Todos os locais fazem agora parte do Parque Olímpico de Sydney, considerado o "principal complexo de eventos esportivos" da nação



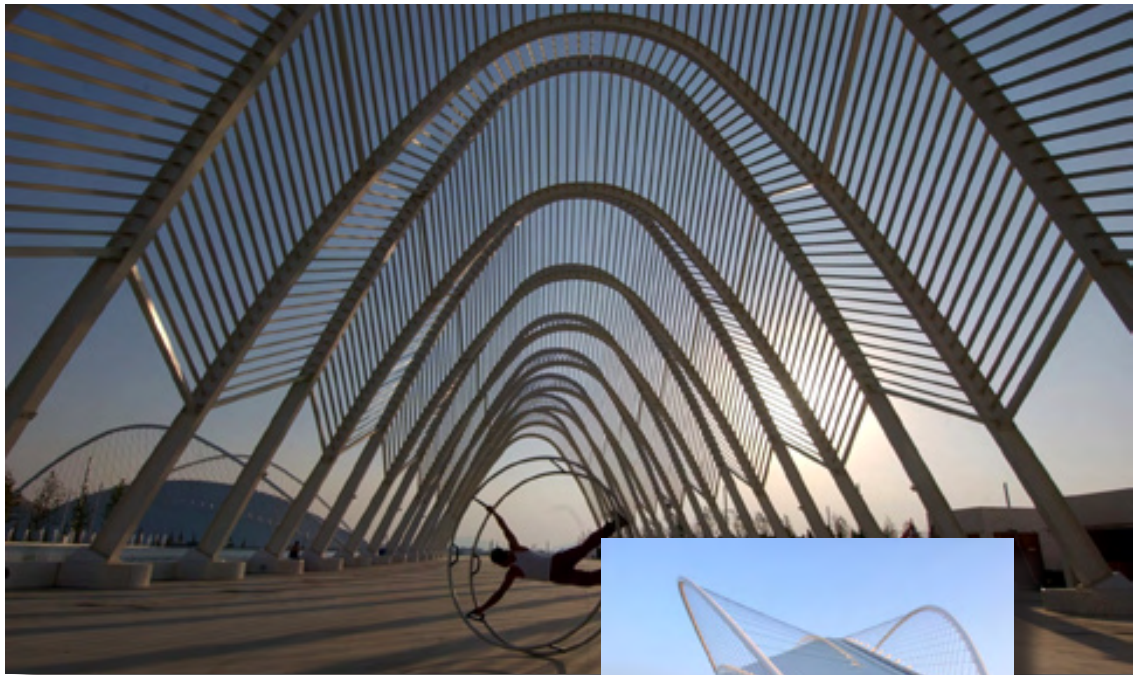
Billy Stickland/Allsport/Getty Images

Vista da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 1988 em Seul, Coreia do Sul. Atualmente o estádio é um dos seis que ainda são usados para eventos e apresentações esportivas. As instalações são cercadas por um parque de 1,4 milhão de metros quadrados, que se tornou um lugar de encontros popular



Todd Warshaw/Getty Images

A caminho dos Jogos de Atenas de 2004, a tocha olímpica passou pelo portão da Paz Mundial em Seul, Coreia do Sul, sede dos Jogos de 1988. O portão evoca a arquitetura tradicional coreana e dá aos visitantes as boas-vindas ao Parque Olímpico



Thanassis Stavrakis© AP Images

Um artista de teatro de rua faz exibições no complexo olímpico em Atenas, com o velódromo ao fundo. As instalações foram entregues para uso do público em 2005, um ano depois da abertura dos Jogos Olímpicos



Thanassis Stavrakis© AP Images

Em outra foto de 2005, ciclista pedala pelo velódromo, usado para os eventos de ciclismo durante os Jogos. Outros estádios no complexo olímpico de Atenas são agora usados para eventos esportivos e concertos



Cortesia: Comitê Organizador de Londres 2012

Londres será a sede das Olimpíadas de Verão de 2012. Este é um esboço arquitetônico de como ficará o Centro Aquático após os Jogos, quando será aberto para vários usos da comunidade

POR DENTRO DOS JOGOS

O Público nos Levantou

Bart Conner

O ginasta Bart Conner ganhou vagas nas equipes olímpicas dos EUA em 1976, 1980 e 1984. Ele conquistou duas medalhas em 1984: uma individual nas barras paralelas e uma coletiva, competindo por equipe.

Quando eu tinha nove ou dez anos, eu conseguia fazer uma parada de cabeça por cinco minutos e também encostar os pés na parede para fazer uma parada de mão. Se eu quisesse ir da sala para o meu quarto, o desafio era ver se conseguia fazer isso andando com as mãos.

Havia também os 13 degraus de madeira para o porão. A maioria dos pais diria: “Meu Deus, você vai quebrar o pescoço!” Minha mãe não ficava lá muito contente quando eu tentava isso, mas ela sabia que era uma coisa que me deixava empolgado, então dizia: “Não esqueça de colocar um monte de colchões e travesseiros na base da escada para o caso de você despencar.” Então fazíamos isso, e eu treinava descer a escada andando com as mãos.

Na escola, quando fazíamos ginástica na aula de educação física, o professor, um sujeito chamado Les Lange, dizia: “Você é mesmo bom nisso. Quer saber mais sobre ginástica?”

Então, ele me levou até a escola de ensino médio onde havia um programa muito bom. Fomos para o ginásio, que eu achei muito legal. Havia argolas, barras, camas elásticas, coisas de onde balançar e pular. O sr. Lange me ergueu até as barras paralelas. Balancei-me algumas vezes e fiquei de ponta-cabeça na primeira vez que subi nas barras paralelas. Para mim, parecia muito menos perigoso do que descer as escadas andando com as mãos. Esse foi o momento revelador para mim, quando percebi “quero ser um ginasta.”



O ginasta americano Bart Conner pratica nas barras paralelas nos anos 1980, modalidade em que ele conquistou medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984

Eu era pequeno e era forte. Podia andar sobre as mãos. Podia dar uma cambalhota para trás no pátio. Isso me dava confiança, porque eu podia realizar truques estilosos que meus amigos não conseguiam fazer.

Quando passei para a oitava série, antes de entrar no ensino médio, já era o Campeão Nacional Olímpico Junior. Eu tinha 14 anos.

Tive muitas oportunidades internacionais. Meu primeiro encontro foi em Montreal em 1975, quando tinha 17 anos. Estava recebendo muitos benefícios divertidos com a ginástica.

Com 18 anos, cheguei à equipe olímpica de 1976. Nossa equipe obteve o sétimo lugar, e eu fiquei em 46o lugar na contagem geral. Mas em 1979 fui campeão mundial. Em 1980, eu estava selecionado para os Jogos Olímpicos de Moscou, mas esses foram os jogos que os Estados Unidos boicotaram [em resposta à invasão do Afeganistão pela União Soviética].

Getty Images/© Focus on Sport



© AP Images

Conner em ação nos Jogos Olímpicos de 1984

Minha última olimpíada foi a de 1984, em Los Angeles. Eu estava, então, com 26 anos — o que é velho para um ginasta masculino.

Sete meses antes, em um encontro internacional no Japão, rompi meu bíceps competindo nas argolas. Pulei das argolas e me descobri imediatamente pensando: “Este é um momento decisivo em minha carreira. Pode me tirar das Olimpíadas. Posso estar acabado agora mesmo.” Lá estava eu em idade avançada, e uma lesão grave quando já se tem uma certa idade em geral significa “fim de jogo”. Uma estranha sensação se apossou de mim e pensei: “Eu vou fazer parte dessa equipe olímpica em 1984. Vou entrar marchando naquele estádio.”

Visualizei-me entrando no estádio, acenando para a multidão, e podia ouvir o apresentador esportivo anunciando: “Atenção, pessoal, aí vem a equipe mascu-

lina americana. Sete meses atrás jamais teria acreditado nisso, mas adivinhem o quê? Bart Conner está na equipe.” Planejei isso mentalmente. Lá estava eu com uma bolsa de gelo no braço, tentando chegar ao aeroporto de Tóquio para voltar aos Estados Unidos e me submeter a uma cirurgia, e já visualizava como queria que essa cena terminasse.

Portanto, quando realmente entrei marchando na cerimônia de abertura em 1984, estava muito emocionado. Havia vários motivos pelos quais eu não deveria estar lá, mas estava.

Lembro nitidamente de entrar andando no Coliseu de Los Angeles. Havia, sei lá, 80 mil ou 90 mil pessoas, um mar de gente. Marchamos para dentro do estádio

Sobre Bart Conner

Data de nascimento: 28 de março de 1958
Local de nascimento: Chicago, Illinois, EUA

Atleta olímpico americano

- 1976 Montreal
- 1980 Moscou : o boicote dos EUA aos Jogos devido à invasão do Afeganistão pela União Soviética proibiu a participação da equipe.
- 1984 Los Angeles: medalhas de ouro — ginástica por equipe e barras paralelas.

Tirou o primeiro 10 perfeito da história dos Jogos de Verão.

Obteve distinção máxima nos níveis competitivos universitário, nacional e internacional.

Entrou para o Hall da Fama Internacional de Ginástica em 1996.

Hoje: Conner hoje tem uma escola de ginástica em Norman, Oklahoma, com sua esposa, a campeã olímpica romena Nadia Comaneci, e seu ex-técnico universitário, Paul Ziert. Além disso, essa sociedade possui diversas empresas ligadas à ginástica, incluindo a revista *International Gymnast* e a *Grips, Etc.*, uma loja on-line de artigos para ginástica. Tanto Conner quanto Comaneci trabalharão como comentaristas de televisão nos Jogos Olímpicos de 2008. Eles têm um filho, nascido em 2006.



Sue Ogrocki/AP Images

Conner na escola de ginástica de sua propriedade, de sua esposa, Nadia Comaneci, e de seu ex-técnico Paul Ziert, em Norman, Oklahoma

para ouvir o barulho ensurdecedor da multidão. Eu andava junto ao meu colega de equipe Jim Hartung, que era um dos meus rivais desde quando tínhamos 10 anos de idade. Eu disse a ele: “Não seria legal descobrir onde estão nossos pais?” E ele disse: “Ei, olhe, lá está sua mãe.” Havia um setor de pais dos jogadores olímpicos dos EUA, e Jim notou um grupo de pessoas agitando bandeiras americanas, e ele viu minha mãe.

Lembro de uma sensação de tranquilidade quando vimos nossos pais. Depois de todos esses anos de trabalho, estávamos apreciando o momento de apenas estar ali. Eu não sabia o que iria acontecer nas próximas duas semanas, mas eu tinha conseguido. Compartilhar aquele momento, aquele exato momento, com minha família foi uma coisa muito forte. Eles acenavam para mim, eu para eles, e aí veio aquela sensação: “Olha o que fizemos juntos.” O sentimento de orgulho era enorme.

captou esse olhar em meu rosto, que dizia: “Nossa! Dá pra acreditar nisso? Eu raramente cravo assim, e nessa hora eu executei certinho.”

Nos Jogos Olímpicos acontecem muitas coisas fora do nosso controle. Para ter sorte suficiente e vencer alguma coisa, as estrelas e os planetas precisam estar alinhados, mas estar em uma olimpíada no próprio país dá uma nítida vantagem, por causa do que você recebe do público. Nós éramos arrastados por essa onda de entusiasmo e apoio do público da nossa terra. ■

Entramos para o encontro e sentimos um tremendo apoio. Era como se o público nos levantasse, como se não pudéssemos fazer nada errado.

Na ginástica, quando você fecha uma atuação pontuando, você “crava” a aterrissagem, normal ou com acrobacia. Nós estávamos cravando só com acrobacias, à direita e à esquerda, além do que achávamos possível fazer. Há pouco vi um vídeo sobre esse evento. Eu havia feito uma aterrissagem da barra com acrobacia, e a executei completamente. Olhei para cima, e a câmera

O Hino Nacional da Minha Pátria

Iztok Cop



© Jamie McDonald/Getty Images

Iztok Cop, em primeiro plano, e Luka Spik, da Eslovênia, competindo em 2004 em Munique, na Alemanha

A nação balcânica da Eslovênia separou-se da Iugoslávia em 1991. Foi a primeira das repúblicas a fazê-lo e declarou-se livre após uma guerra civil de dez dias.

Apenas um ano após a Independência, o remador Iztok Cop presenteou sua pátria recém independente com sua primeira distinção nos Jogos Olímpicos – a medalha de bronze em remo. Oito anos mais tarde, o remador esloveno levou para casa também a medalha de ouro. Cop relembra suas duas vitórias e reflete sobre como o tempo o ajudou a avaliar melhor o significado delas.

Alguns meses antes das Olimpíadas, ainda não sabíamos se conseguiríamos competir pela Eslovênia ou não, se o país seria reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional como independente. Isso fez com que toda a nação ficasse muito, muito orgulhosa e emocionada. Foi um grande acontecimento ver a bandeira eslovena entre os medalhistas em Barcelona. Eu era jovem demais para compreendê-lo naquele momento, pois tinha 20 anos de idade e considerava o acontecimento mais uma vitória esportiva.

Do ponto de vista do atleta, Barcelona não foi meu melhor momento, não foi o que eu esperava. Contava com pelo menos uma medalha de prata, e o bronze foi menos do que eu esperava. Conquistar a medalha de ouro em



© JOERG KOCH/AFP/Getty Images

Luka Spik (à esquerda) e Iztok Cop comemoram a medalha de ouro no Campeonato Mundial de Remo em Munique em 2007 com as filhas de Cop, Amber (à esquerda) e Ruby

Sydney em 2000 foi o maior sucesso. Eu buscava o ouro antes das Olimpíadas de Sydney. Estava sob muita pressão. Tinha consciência de que essa poderia ser a grande chance de minha vida e queria agarrá-la.

Depois de conseguir, eu me senti simplesmente... não consigo nem explicar... um pouco aliviado e orgulhoso. Tinha orgulho de mim, do meu país e de todos à minha volta.

O momento mais emocionante na carreira de um atleta é ouvir o hino nacional do seu país na cerimônia de premiação. É comum ver os atletas se emocionarem nas cerimônias transmitidas pela televisão ao ouvirem o hino do seu país. Eu adoraria que todas as pessoas experimentassem, uma vez na vida, a sensação de ter tido sucesso, sentir alívio por tudo que passou, ver a bandeira do seu país sendo hasteada e ouvir o hino nacional. Senti-me ainda mais orgulhoso de meu país, feliz por poder proporcionar essa vitória ao povo esloveno.

Irei às Olimpíadas pela quinta vez em 2008. Estou fazendo de tudo para vencer em Pequim porque é hora de começar a fazer outras coisas em minha vida. Não é fácil admitir que preciso me aposentar. Acho que é por isso que gosto de remar ainda mais do que antes. Tenho consciência de que minha carreira está chegando ao fim e estou mais concentrado em tudo. Meu corpo já não tem a mesma habilidade de 10 ou 15 anos atrás. Tenho de ter muita cautela no treino porque o corpo não se recupera como antes.

E agora que tenho uma família, remar não é a única coisa em minha vida. Então valorizo e respeito os momentos que passo no barco.

Nos últimos dez anos, o que mais tem me dado prazer é estar com meus adversários. Fora da água somos realmente grandes amigos; quando competimos, sabemos o que

Sobre Iztok Cop

Data de nascimento: 17 de junho de 1972

Local de nascimento: Kranj, Eslovênia

Atleta olímpico esloveno

- 1992 Barcelona: Medalha de bronze — dois sem masculino com o parceiro Denis Zvegelj.
- 1996 Atlanta: Quarto lugar — skiff simples.
- 2000 Sydney: Medalha de ouro — skiff duplo com o parceiro Luka Spik.
- 2004 Atenas: Medalha de prata — skiff duplo com o parceiro Luka Spik.

Campeão mundial: 1995 – skiff simples; 1999 – skiff duplo (com Spik); 2005 – skiff duplo (com Spik); 2007 – skiff duplo (com Spik).

Medalha de prata mundial: 1991 – dois sem (Denis Zvegelj); 2001, 2002 – skiff simples; 2005 – skiff quádruplo (Spik, Davor Mizerit, Matej Prelog); 2006 – skiff duplo (Spik).

Classificado entre os dez melhores remadores do mundo em 2007 pela WorldRowing.com.

Hoje: Cop deve representar seu país nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008. É casado e tem duas filhas.

fazer e tentamos vencer um ao outro. Quando se trata de um amigo seu, ganhar se torna ainda mais importante. É um ambiente tão agradável, um ambiente saudável, sem falsidades. Quando você é o primeiro na linha de chegada, não importa se as pessoas gostam de você ou não, se você é bonito ou feio, você ainda é o mais rápido, e é disso que eu gosto. Sem julgamentos subjetivos.

Às vezes me pedem para dar palestras a jovens. Eu lhes digo que precisam curtir o esporte, e não entrar com o objetivo de tornarem-se campeões olímpicos. Têm de ir passo a passo. Mas o principal que lhes digo é que se tiverem prazer enquanto estiverem praticando o esporte, esse será um tempo bem gasto, ainda que não sejam ven-

cedores. O esporte pode dar muito mais do que medalhas, por exemplo, hábitos de trabalho. Sem dor não há vitória, dizem. Se não se esforçar, não vencerá. Acostuma-se a ganhar, a perder e a aprender algo com a derrota e não ficar totalmente deprimido quando as coisas não acontecem da forma desejada. Aprende-se a respeitar o adversário e também a diferença entre trabalho e diversão.

Eu só espero poder seguir praticando esporte, como recreação, que eu possa remar algumas vezes na semana. Simplesmente não consigo me imaginar vivendo sem praticar esporte ou exercício físico no futuro. Só espero não gostar de ficar gordo e preguiçoso. ■

Tudo o Mais Pára

Gabriela Szabo

Como competidora olímpica em 1996 e 2000, a corredora romena Gabriela Szabo ganhou medalhas de bronze, prata e ouro — a coleção completa, como disse um dos nossos colaboradores. Os momentos finais de sua corrida vitoriosa estão cravados na sua memória.

Em uma corrida de 5 mil metros, é só nos últimos 200 metros que você começa a contar seus passos. É como se tudo mais parasse e você fosse o único ser vivo em movimento. O som da sua respiração compete com o som dos seus passos e as pessoas em volta

como que desaparecem. De repente sua visão da multidão fica menos clara. É como tirar uma foto e focar somente em um só objeto e nada mais. Nesses momentos finais da corrida, o único objeto em foco é a linha de chegada.

Os últimos passos de uma corrida não são parte do seu movimento normal. Corre-se pela vitória e isso injeta força e velocidade para atingir a meta.

Gostaria de poder dizer que isso não traz sofrimento algum. Não posso. Contudo, é um sentimento conflitante. Seus músculos doem, mas sua mente está focada na vitória. Você luta entre essas duas forças pulsantes. É quando de repente o treinamento tem sua razão de ser. Aqueles



Gabriela Szabo atravessa a linha de chegada rumo à vitória na corrida de 5 mil metros nos Jogos Olímpicos de 2000 em Sydney. Ela escreve assim sobre aquele momento: "O som da sua respiração compete com o som dos seus passos"

momentos em que seu corpo era forçado até o limite não mais parecem sem sentido. Eles prepararam seu corpo para ganhar!

Quando alguém me pede para descrever os sentimentos durante uma corrida, eu me lembro de Sydney e minha história passa a ser a daquela corrida de 5 mil metros. Foi uma corrida dura, mesmo que eu não possa dizer que tenha sido mais dura do que as outras. Talvez o fato de fazer parte dos Jogos Olímpicos lhe tenha dado um toque especial e, por consequência, a vitória foi fantástica. Não sei se já havia tido antes tanto orgulho de ser atleta e de represen-

tar a Romênia. Amei a volta olímpica em torno do campo com a bandeira sobre os ombros! E de repente o sofrimento daqueles últimos 100 metros não estava mais lá.

Corro desde os 13 anos. Tive a sorte de encontrar Zsolt, meu técnico, que depois se tornaria meu marido. Compartilhamos juntos os esforços de todas as corridas. Portanto, durante todo o difícil treinamento e extrapolando cada vez mais os limites do meu corpo, eu não estava sozinha e sabia disso no fundo da minha alma.

Deixei o esporte em 2004 porque senti que o meu corpo não podia ir mais além. No entanto, eu sabia da minha responsabilidade perante as pessoas que acompa-

Doug Mills/AP Images



Nos Campeonatos Mundiais de Atletismo de 2001, Szabo dá a volta completa da vitória com a bandeira do seu país na mão após ganhar a medalha de ouro nos 1.500 metros

Amy Sarcezza/© AP Images

nharam minhas vitórias como atleta. Atualmente sou vice-presidente da Federação de Atletismo da Romênia e iniciei uma campanha social, “Esporte para a Vida”, por meio da qual procuro conscientizar as pessoas e estimulá-las a correr nas ruas ou nas pistas. Também passo bastante tempo visitando escolas. Falo para as crianças o quanto é bom praticar esporte e que participar de uma corrida pode ser bastante divertido.

Tento mostrar a elas o que aprendi em todos esses anos de atletismo. O esporte me ensinou a estabelecer metas e a trabalhar duro para alcançá-las. Correr me fez descobrir o sucesso, e Sydney foi parte da minha aprendizagem.



Jerry Lampen/© Reuters/CORBIS

Szabo exhibe a medalha de ouro conquistada nos 5 mil metros no Campeonato Mundial da Associação Internacional das Federações de Atletismo de 1999

Também conheci o fracasso. No entanto, por sorte, após experimentar as duas faces da moeda, eu sabia que era preciso trabalhar mais do que nunca.

Espero compartilhar a minha paixão pelo esporte com todas as pessoas que eu puder encontrar e falar. É muito bom ver como elas descobrem o esporte e o prazer que ele desperta. Amo em especial as crianças e a maneira lúdica como elas vêem o esporte. Quero fazer o possível para que continuem a ver nele uma fonte de diversão, de modo a não abandonarem o atletismo depois de grandes.

E se apenas uma única criança for campeã no futuro, terei a certeza de que meu esforço valeu a pena! ■

Sobre Gabriela Szabo

Data de nascimento: 14 de novembro de 1975

Local de nascimento: Bistrita, Romênia

Atleta olímpica romena

- 1996 Atlanta: Medalha de prata — atletismo para mulheres, 1.500 metros.
- 2000 Sydney: Medalha de ouro — atletismo para mulheres, 5.000m; medalha de bronze — atletismo para mulheres, 1.500m.

Eleita **Melhor Esportista da Europa de 1999** pela União Européia da Imprensa Esportiva.

Títulos do Campeonato Mundial Outdoor:

Edmonton 2001, 1.500m; Sevilha 1999, 5.000m; Atenas 1997, 5.000m.

Recorde Europeu Indoor Ainda Não Superado nos 3.000m.

Hoje: Szabo é atualmente vice-presidente da Federação de Atletismo da Romênia.

Competir Sempre pelo Objetivo Maior

Dawn Staley

Dawn Staley participou cinco vezes do time de estrelas (all-star) do basquete profissional feminino dos EUA e foi três vezes medalhista de ouro olímpico representando os Estados Unidos em 1996, 2000 e 2004. É treinadora do time de basquete feminino da Universidade de Temple e será técnica do time de basquete feminino olímpico de 2008. Sua Fundação cria e apóia programas educacionais e esportivos para jovens em situação de risco na Filadélfia, sua cidade natal, na Pensilvânia.

Sou uma pessoa de sorte, porque essa será a quarta vez que participo das Olimpíadas. As três primeiras vezes fui como jogadora e este ano estou indo como técnica. Sempre que represento meu país em um evento como os Jogos Olímpicos me sinto realmente honrada, porque são poucos os que conseguem participar de algo dessa magnitude.

Adoro ser associada ao time de basquete olímpico americano porque para mim é como se fosse uma utopia. As jogadoras se reúnem com um só objetivo — ganhar a medalha de ouro, e nada interfere nisso.

A primeira vez que fui às Olimpíadas, em 1996, a sensação foi incrível. Chegar até lá requer muito sacrifício, trabalho, disciplina e perseverança. Participar dos Jogos



© Nick Laham/Getty Images

Dawn Staley, número 5 do time de basquete feminino dos EUA, move-se em volta de uma jogadora espanhola em jogo preliminar nas Olimpíadas de Verão de 2004, em Atenas. O time feminino americano conquistou a medalha de ouro naquele ano

Olímpicos foi sempre o sonho da minha vida, e quando os sonhos se realizam, queremos transmitir aos outros essa sensação.

Como técnica, sei que o meu time, como todos os outros times, deverá enfrentar desafios nas Olimpíadas de 2008. Se isso acontecer, direi às jogadoras que elas terão de jogar para atingir o objetivo maior desde o início. Cada time dará o melhor de si no jogo contra nós, seja qual for a sua posição no ranking, então teremos de dar o melhor de nós desde o começo, tendo sempre em mente a medalha de ouro como objetivo final.

Mas sempre há sucessos e fracassos, e essas experiências são ferramentas de aprendizado. Mesmo quando as coisas não são como gostaríamos, nos esportes e na vida, ainda

assim temos de perseverar.

É por isso que criei a Fundação Dawn Staley em 1996. Nosso foco são jovens em situação de risco, e oferecemos um programa pós-escola, uma liga de verão de basquete e programas de mentoreamento para meninas. Quero ensinar disciplina aos jovens e como fazer algo positivo.

Queremos garantir que os alunos dêem o melhor de si nas salas de aula e tenham as ferramentas necessárias



Dawn Staley, à direita, orienta uma jogadora da equipe feminina dos EUA

© 2006 NBAE Kent Smith/NBAE via Getty Images



Dawn Staley, à esquerda, e sua colega de equipe, Natalie Williams, comemoram a conquista da medalha de ouro olímpica com a vitória contra a Austrália nos Jogos de Sydney, em 2000

© Sam Mircovich Reuters/CORBIS

para ingressar no ensino secundário e na faculdade e superar as expectativas.

Também tenho uma vontade incrível de vencer as dificuldades. Cresci em um lugar que, em geral, não oferecia muitas possibilidades. Sempre ouvi as pessoas dizerem que eu não poderia ir para as Olimpíadas ou fazer faculdade. Quando as pessoas me diziam que eu não poderia fazer

alguma coisa, isso me motivava ainda mais.

Vi a pobreza de perto e agora tenho um bom trabalho e uma vida confortável. O que é importante para mim é que tenho uma vida equilibrada e sou exemplo para as jovens do nosso programa. Isso é gratificante.

Sempre aspirei alcançar metas elevadas. Fui a caçula de cinco irmãos. Sempre tive de competir por atenção e brincar com meus irmãos mais velhos. Minha maior emoção era jogar basquete com os meninos no pátio de recreio: era divertido e competitivo e me permitia focar

em algo positivo. E foi lá que tracei meus objetivos.

Quando eu via mulheres participando das Olimpíadas, no palco do mundo, sabia que queria atuar naquela plataforma.

Uma coisa que aprendi é que muitas pessoas acham que podem generalizar sobre suas aptidões em razão da forma e do lugar onde você cresceu, mas eu não gosto disso. É por isso que gosto de conversar com as pessoas e entender suas experiências.

Nas Olimpíadas há pessoas de todas as classes sociais. O que eu mais gosto nesses Jogos é que eu sei o que cada atleta precisou fazer para estar ali. Só um em cada 10 mil atletas participa das Olimpíadas, e quando você está lá, pode sentir a alegria de estar entre pessoas que se esforçaram tanto quanto você para chegarem onde estão. ■

Sobre Dawn Staley

Data de nascimento: 4 de maio de 1970

Local de Nascimento: Filadélfia, Pensilvânia, EUA

Atleta olímpica americana

- 1996 Atlanta: Medalha de ouro — basquete feminino.
- 2000 Sydney: Medalha de ouro — basquete feminino.
- 2004 Atenas: Medalha de ouro — basquete feminino.

Portadora da bandeira americana nas cerimônias de abertura.

Basquete profissional feminino dos EUA: Liga Americana de Basquete, 1996-1998, duas vezes integrante do time all-star; Associação Nacional de Basquete Feminino (WNBA), 1999-2003, cinco vezes integrante do time all-star; homônimo de um Prêmio anual de Serviço à Comunidade da WNBA.

Recebeu o **Prêmio Espírito Empreendedor da WNBA** em 1999 por seu trabalho com a Fundação Dawn Staley, que patrocina programas acadêmicos e de atletismo para jovens carentes da cidade.

Hoje: Staley será técnica assistente do time de basquete feminino dos EUA nas Olimpíadas de Pequim 2008. Ela é técnica principal do time de basquete feminino da Universidade de Temple da Pensilvânia e foi eleita Técnica do Ano pela Atlantic 10 de 2004.

Perde-se Muito Antes de Chegar Lá

Tab Ramos

Tab Ramos, jogador de futebol profissional, participou de três Copas do Mundo como membro da equipe americana e teve passagens por times profissionais da Espanha, do México e dos Estados Unidos. Também foi homenageado no Hall da Fama do Futebol dos EUA. Contudo, antes dessas conquistas, Ramos participou da equipe de futebol masculino dos EUA nas Olimpíadas de Seul 1988. Lá aprendeu algo que norteou sua carreira e que ele compartilha com a nova geração de jogadores de futebol treinada por ele atualmente.



Don Ryan/AP Images

Tab Ramos comemora o gol da vitória no jogo de qualificação da última rodada para a Copa do Mundo em 1997

Em 1988, os Estados Unidos com certeza não eram reconhecidos como um país do futebol. Nós, membros da equipe olímpica, tentávamos conquistar respeito em todo lugar que íamos. Era muito difícil, porque em qualquer lugar que aparecíamos, todos consideravam os EUA o time lanterninha.

Quando chegamos às Olimpíadas de Seul, caímos em um grupo muito difícil na primeira rodada. A Argentina era um dos times, uma das potências mundiais do futebol por 70 ou 80 anos. A União Soviética estava em nosso grupo; terminou ganhando a medalha de ouro, portanto, sem dúvida, era o time mais forte. E a Coreia do Sul estava em nosso grupo e era o país anfitrião.

Na melhor das hipóteses, a expectativa era de que perderíamos os três jogos, então não nos sentíamos muito pressionados. É mais fácil jogar quando não se espera que você faça muita coisa. Mas, ao mesmo tempo, sentíamos

que queríamos provar alguma coisa. Lembro-me da primeira vez que entramos em campo contra a Argentina. Na verdade, a Argentina teve muita sorte. Eles empataram nos dois últimos minutos restantes do jogo, 1x1, jogo que estávamos ganhando desde o primeiro tempo. Portanto, chegamos perto de uma vitória.

Então jogamos com a anfitriã Coreia do Sul no segundo jogo, e acredito que empatamos em 0x0 nesse jogo. Aí partimos para um terceiro jogo contra a União Soviética. Sabíamos que eles eram fortes e, obviamente, tinham alguns jogadores profissionais. Terminamos perdendo um jogo muito bom, 4x2, para o time que no final conquistou a medalha de ouro.

Fomos eliminados na fase de grupos, portanto não chegamos às semifinais. Não chegamos à fase de medalhas, mas para nós foi uma boa exibição. Foi a primeira vez que



Foto: Popperfoto/Getty Images

Tab Ramos, à esquerda, em campo em Paris, 1998, quando a equipe americana perdeu um jogo nas finais da Copa do Mundo para a Alemanha

o futebol masculino dos EUA competiu realmente em nível internacional elevado.

Embora não tenhamos ganho nada, saímos de lá sabendo que fizemos o máximo e que ajudamos o futebol dos EUA a avançar.

Chegamos como uma equipe desconhecida, jogando contra estrelas do futebol de outros países. Nós realmente fizemos o máximo que podíamos. Sabíamos ter dado tudo que tínhamos.

Essa é uma boa lição para ser lembrada nos esportes e na vida. Eu a ensinei a meus próprios filhos, que estão jogando futebol agora, e a outras crianças sob meu treinamento. Para mim, o objetivo mais importante é fazer o melhor possível. Isso é tudo que você pode exigir de si mesmo.

Particpei de um esporte coletivo, portanto, só me resta fazer o melhor possível para ajudar meu time a ganhar. Afinal de contas, se isso não é bom o suficiente, bem, realmente não há uma grande diferença entre ganhar e perder a partida. Se você estiver fazendo o que é possível para ajudar seu time, então você deveria se orgulhar disso.

Há muitas crianças que nos próximos anos serão adultas e esperam fazer parte dos Jogos Olímpicos, ou da equipe olímpica americana, mas isso simplesmente não acontecerá. Contudo, isso não tem nada a ver com o fato de elas não terem se empenhado. Tem a ver com fato de

elas não terem talento o suficiente para estar lá.

Com certeza, ganhar é algo almejado por todos, mas infelizmente há apenas um vencedor. Todos os outros perdem. Após longa carreira no futebol, sempre digo às crianças que agora treino: “Perdi mais jogos do que vocês ganharão em toda a vida.” Há algo que realmente fica com cada atleta que atingiu um nível elevado. Perde-se muitos jogos até se chegar lá, e perde-se muitos jogos importantes para se chegar lá. Isso não precisa acabar com você. É aí que está a graça do esporte – fazer você se esforçar mais da próxima vez.

Para falar a verdade, não gosto de perder, nem mesmo em jogos de tabuleiros, por isso não estou dizendo que se deve gostar de perder. Mas é necessário aprender como seguir em frente depois da derrota, aprender que não se ganha o tempo todo, mas ainda assim deve-se continuar tentando. ■

Sobre Tab Ramos

Data de nascimento: 21 de setembro de 1966

Local de nascimento: Montevidéu, Uruguai

Atleta olímpico americano

- 1988 Seul: Equipe de futebol masculino.

Jogou em três finais consecutivas da **Copa do Mundo**: 1990, 1994 e 1998.

Sete anos com a Liga Principal de Futebol dos EUA como meio-campista no time MetroStars de Nova York/Nova Jersey.

Foi escolhido como um dos 100 Melhores Jogadores no Mundo pela revista **World Soccer** em 1991.

Eleito para o **Hall da Fama do Futebol Nacional** em 2005.

Hoje: Ramos, naturalizado cidadão americano em 1982, é proprietário e operador do Centro Esportivo Tab Ramos em Aberdeen, Nova Jersey. É casado e tem dois filhos.

O Grande Clímax

Bernard Lagat

O corredor queniano Bernard Lagat deverá competir nos Jogos Olímpicos pela terceira vez em Pequim. Ele fará parte da equipe dos EUA pela primeira vez. Atual detentor do recorde americano em corrida de 1.500 metros, Lagat percorreu um longo caminho para chegar a esse ponto em sua vida e carreira atlética.

Todo o sentido das Olimpíadas é reunir atletas de vários países, que se encontram e celebram a humanidade através do esporte. Mas este ano tentarei ganhar uma medalha de ouro também. Este é meu objetivo agora. Conquistei bronze em Sydney em 2000 como membro da equipe olímpica queniana e prata em Atenas competindo com o grande Hicham El Guerrouj, do Marrocos. Por isso acho que agora é hora de fazer o melhor que posso para ganhar ouro nos 1.500 metros.

Possuir uma coleção com todas as três medalhas olímpicas — bronze, prata e ouro — seria fantástico.

Estou feliz com a idéia de correr pelos Estados Unidos por ter realizado muitos sonhos que nunca havia imaginado serem possíveis. Tenho orgulho de fazer parte da revolução que está acontecendo nos Estados Unidos, onde o atletismo está sendo reconhecido e os atletas estão ficando cada vez melhores.

Participar dos Jogos Olímpicos novamente, usando o uniforme dos EUA, seria o grande clímax. Para mim seria uma oportunidade maravilhosa representar os Estados Unidos e conquistar a medalha de ouro.

A possibilidade de ter uma oportunidade pesou muito



Bernard Lagat regozija-se em seu momento de vitória na corrida de 5.000 metros na Associação Internacional das Federações de Atletismo em Osaka em 2007

© ERIC FEFERBERG/AFP/Getty Images

na minha decisão de me tornar cidadão americano. Eu queria me fixar nos Estados Unidos, viver como qualquer outro cidadão e ter mais oportunidades para minha família.

Vim do Quênia para os Estados Unidos em 1996 para estudar na Universidade do Estado de Washington. Formei-me em 2001 em Ciência da Decisão e Sistemas de Informações Gerenciais.

Estava contente em ser um estudante nos Estados Unidos, com visto de estudante. Tinha vindo aos Estados Unidos para estudar e pretendia voltar para casa. Mas então meus colegas de quarto me falaram do programa de Vistos da Diversidade [DV], que permite que pessoas de alguns países se candidatem para obter um cartão de residência permanente, o “green card”. Cerca de 50 mil candidatos são escolhidos a cada ano. Então meus colegas de quarto disseram: “Vamos nos candidatar todos.” Felizmente,



© TOSHIFUMI KITAMURA/AFP/Getty Images

Bernard Lagat conquista a medalha de prata nos 1.500 metros, logo atrás do marroquino Hicham El Guerrouj, nas Olimpíadas de Atenas 2004. Lagat ficou apenas 0,12 segundos atrás do vencedor

eu me candidatei e recebi o pedaço de papel dizendo: “Parabéns, você foi premiado pela loteria dos Vistos da Diversidade.”

Vou trazer minha família para os Estados Unidos agora. É claro que foi uma decisão difícil abrir mão de minha cidadania queniana, mas acho que foi o melhor para mim.

As oportunidades para trabalhar e ganhar dinheiro nos Estados Unidos me permitem ajudar as pessoas que ficaram no meu país. Abri minha fundação em 2003 para ajudar estudantes de famílias pobres classificados entre os cinco melhores de sua classe. Esta é a base da minha fundação: os estudantes. No Quênia, você encontra crianças muito inteligentes, mas que correm o risco de serem mandadas de volta para casa porque não têm meios de arcar com os custos da escola. Minha fundação ajuda-os a pagar as mensalidades durante o ano todo. Se eu puder ajudar uma só família, se puder educar um de seus filhos, isso fará uma

grande diferença para essa família.

A violência que ocorreu no Quênia após as eleições de dezembro [de 2007] é motivo de grande preocupação. As crianças deveriam voltar às aulas em janeiro. Mas os distúrbios atrasaram o retorno às aulas, um mês foi perdido e o aprendizado foi prejudicado. Foi necessário apertar o passo com as lições para terminar o semestre. Foi um transtorno.

Outro motivo de preocupação é a violência. O Quênia é conhecido como um país pacífico. Tem sido um modelo de paz na África. Sua economia tem tido bons resultados, mas essa violência nas eleições de repente fez com que as coisas tomassem outro rumo. Isso me afeta por causa da segurança dos meus amigos, dos cidadãos em geral e dos meus compatriotas. Minha família ainda está no Quênia, e isso me preocupa.

Mas quando vemos o lado bom das coisas, acho que chegarão a uma solução e o Quênia se tornará pacífico novamente. ■

Sobre Bernard Lagat

Data de nascimento: 12 de dezembro de 1974

Local de nascimento: Kapsabet, Quênia

Atleta olímpico queniano

- 2000 Sydney: Medalha de bronze — 1.500 metros
- 2004 Atenas: Medalha de prata — 1.500m.

Seis vezes vencedor do **Wannamaker Mile** nos Jogos de Millrose em Nova York, o mais antigo encontro de atletismo indoor para atletas convidados nos Estados Unidos.

Campeão Nacional dos EUA 2006: 1.500m e 5.000m

Campeão Nacional dos EUA 2007: 5.000m

Campeonato Mundial de Osaka 2007 Medalhas de ouro, 1.500m e 5.000m

Associação Atlética Universitária Nacional dos EUA (NCAA) **Atleta Masculino Indoor do Ano em 1999**

Hoje: Espera-se que Lagat represente os Estados Unidos nas Olimpíadas de 2008 em Pequim. Ele se tornou cidadão americano em 2004 e pai em 2006, quando sua esposa, Gladys Tom, deu à luz seu filho Miika Kimutai Lagat. Eles moram em Tucson, no Arizona.

Dando o Máximo

Rulon Gardner

O praticante de luta greco-romana Rulon Gardner cresceu em uma fazenda em Wyoming e conquistou seu lugar na história das Olimpíadas nos Jogos de Sydney, em 2000. Em uma luta chamada de “milagre no tatame”, Gardner levou ao chão seu rival peso pesado, o russo Alexander Karelin, invicto por 13 anos antes da luta com o jovem fazendeiro americano. Mas a grande vitória veio mais tarde, nos Jogos de Atenas de 2004, quando ganhou uma medalha de bronze. Comparada à de ouro de quatro anos antes, você poderia perguntar: “E daí?” Mas Gardner foi aos Jogos Olímpicos pela segunda vez após um acidente no qual seus pés ficaram congelados. Os médicos temiam que talvez não voltasse nem mesmo a andar e alertaram-no de que sua carreira olímpica podia estar no fim.



© Vincenzo Pinto/Reuters/CORBIS

Era 14 de fevereiro de 2002. Eu e dois amigos decidimos passear de snowmobile.

Quería me divertir com meus amigos, aliviar um pouco a tensão, então fomos andar de snowmobile. Eu me perdi em um lugar onde meus dois amigos não conseguiram me achar. O único modo de me salvar era seguindo o rio, o que fiz até que meu snowmobile ficou emperrado entre duas pedras grandes. Ao tentar soltar o snowmobile, escorreguei e caí no rio. Assim que caí no rio, percebi que estava realmente em má situação. Naquele dia eu estava menos preparado do que deveria estar. Casaco, luvas, chapéu, fósforos – eu não tinha nada disso. Tive de passar a noite toda lá e fazia 40 C abaixo de zero pela manhã. Passei um total de 18 horas desamparado e sozinho.

Rulon Gardner, à esquerda, era considerado perdedor quando entrou no ringue contra o campeão mundial russo de luta greco-romana Alexandre Karelin, tricampeão olímpico. Gardner conquistou a medalha de ouro nessa competição em 2000, em Sydney

Para sobreviver, sabia que minha única escolha era continuar lutando cada vez mais.

Então, após ser salvo e começar a me recuperar, levantava-me todo dia apenas com a expectativa de retornar às competições. Algumas pessoas perguntavam: “Por que você vai voltar?” Para mim, não era por causa de medalhas ou qualquer outra coisa. Significava ir lá e fazer aquilo que eu considerava mais importante em minha vida. Era lutar. Muitas pessoas duvidaram de mim e as chances de retornar à equipe eram muito, muito tênues, mas mesmo assim consegui. Estava determinado sobre o que era importante para mim e não me importava o que as outras pessoas diziam.



Doug Lindley/State Journal/AP Images

Rulon Gardner faz apresentações para grupos de jovens, como se vê aqui em um seminário sobre lutadores para atletas entre cinco a 18 anos, em 2006

Eu era o mais novo entre nove filhos; então, com oito irmãos e irmãs você tem de saber quem você é, o que você quer e onde você quer chegar na vida. Você tem que se fazer especial. O único modo possível de você fazer isso é tendo determinação todos os dias.

Eu não era realmente bom lutador quando jovem. Tinha um irmão 16 meses mais velho e todo dia, até chegar ao ensino médio, ele costumava me derrotar, mas eu continuei a me esforçar e ganhei o campeonato estadual no último ano.

No meu terceiro ou último ano da faculdade disse a mim mesmo certo dia: “Há uma chance de você ir aos Jogos Olímpicos.” Então pensei sobre isso e falei a mim mesmo que tinha de dar 100% todos os dias e atingir meu potencial. Não ia me esforçar pela metade; ia fazer tudo o que eu pudesse.

Quando comecei o treinamento para a equipe olímpica, o peso pesado americano chamava-se Matt Ghaffari. Ele ficou em segundo lugar nas Olimpíadas em 1996 e, em 1998, segundo lugar na competição mundial. Ele era melhor do que eu, mas eu simplesmente levantava todos os dias e dizia a mim mesmo: “Você pode não derrotá-lo hoje ou amanhã, mas um dia você vai derrotá-lo, falando isso todos os dias.” Foi isso que me motivou a melhorar.

Eu saio e converso com os jovens atualmente e digo a eles que podem ter uma chance de ir às Olimpíadas. Eles olham para mim e dizem: “Tá bom. Você está brincando, né?” Eu apenas digo a eles como eu consegui. Tudo se resume a introjetar que você pode se tornar forte e poderoso.

Quando fui às Olimpíadas, queria representar os Estados Unidos; queria representar todas as pessoas deste país e deixá-las orgulhosas. É esse o

motivo para o atleta olímpico competir. Não se resume a ganhar medalhas ou qualquer outra coisa. Significa representar seu país e amar o lugar de onde você vem. ■

Sobre Rulon Gardner

Data de nascimento: 16 de agosto de 1971

Local de nascimento: Afton, Wyoming, EUA

Atleta olímpico americano

- 2000 Sydney: Medalha de ouro – luta greco-romana, até 130 kg individual.
- 2004 Atenas: Medalha de bronze – luta greco-romana, até 130 kg individual.

USA Wrestling 2001, “Homem do ano”

Hoje: Gardner é orador inspirador e escreveu a autobiografia *Never Stop Pushing* [Nunca Pare de Lutar]. Ele será comentarista na transmissão dos Jogos Olímpicos de Pequim 2008.

Percepção da Água

Janet Evans



Denis Paquin/© AP Images

Janet Evans competiu em 1996 nas Olimpíadas de Verão em Atlanta, que ela considera “meus melhores Jogos Olímpicos embora tenha saído sem uma medalha”

Com cinco medalhas olímpicas em sua estante de troféus, a nadadora americana Janet Evans teve uma carreira olímpica extraordinária. Com apenas 17 anos, conquistou três medalhas de ouro no Jogos Olímpicos de Seul em 1988, depois em 1992, em Barcelona, mais uma de ouro e outra de prata. Mas quando Evans relembra sua carreira de nadadora, as Olimpíadas e o que ela aprendeu ao longo dessa trajetória, as medalhas não são o mais importante.

Quando comecei a nadar competitivamente, não era tão alta quanto a maioria das outras crianças, então as pessoas estavam sempre dizendo que eu era muito pequena para ser uma nadadora realmente competitiva.

Na minha cabeça, isso não fazia nenhum sentido. Eu sabia que tinha as habilidades, tinha o desejo e eu apenas achava que podia fazer com que acontecesse. Quando bem jovem, não me importava muito com o que as pessoas diziam ou pensavam sobre mim porque eu sabia do que era capaz.

Assim, tive de enfrentar sempre as dúvidas das pessoas em relação a mim, como competidora jovem quando tinha 10, 11, 12, o tempo todo. Em qualquer lugar que eu fosse, sempre competia contra garotas que eram maiores do que eu. Mas eu tinha muita disciplina. Eu tinha grande apoio familiar. Tinha grandes técnicos. Tinha uma braçada excepcional. Eu tinha uma grande percepção da água. Acima de tudo, eu realmente me esforçava.



Michael Probst/AP Images

Janet Evans passa a tocha olímpica para o ex-atleta olímpico e campeão mundial de boxe Muhammed Ali durante a cerimônia de abertura das Olimpíadas de Verão de 1996

uma prata, mas fiquei muito decepcionada com minha medalha de prata. Naquela época, para mim as Olimpíadas significavam ganhar.

Quando chegou 1996 com os Jogos programados para os Estados Unidos, em Atlanta, Geórgia, me deparei com a única chance da minha carreira olímpica de nadar pelo meu país, em meu país. Tinha 24 anos e naquela época era considerada velha para a natação. Não estava no fim da linha, mas estava forçando os limites. Apenas fazer parte da equipe olímpica era um desafio maior para mim do que havia sido no passado.

Meu técnico e meus pais

disseram: “Você precisa nadar em Atlanta não para ganhar. Você precisa nadar em Atlanta para sentir as Olimpíadas, para competir em seu país, para perceber que a vida não é apenas ganhar.” Naturalmente, fui para Atlanta querendo ganhar. Quem não quer ganhar? Mas eu tinha colocado muita pressão nas minhas costas àquela altura. Quando cheguei lá, isso simplesmente não existia mais por uma série de razões.

Em Atlanta, eu realmente soube que era válido não ganhar. Era válido representar meu país, fazer o melhor possível e ficar satisfeita com os resultados. E eu fiquei.

Os Jogos de Atlanta foram meus melhores Jogos Olímpicos embora tenha saído sem nenhuma medalha.

Vivi a coisa toda como nunca havia feito antes. Passei a tocha para Muhammad Ali; participei das cerimônias de abertura e de encerramento. Sem sombra de dúvida, os Jogos de Atlanta foram a minha melhor experiência em Olimpíadas.



Eric Risberg/AP Images

Janet Evans, à esquerda, ao receber a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988

Nos meus primeiros Jogos Olímpicos em 1988, eu tinha 17 anos e 1,5m de altura. Nadava contra mulheres da Alemanha Oriental que mediam, em média, 1,75m.

Além do problema da altura em meu nado, o que aprendi com meus fracassos — tive vários fracassos ao longo do caminho, também — e com meus sucessos era que podia fazer qualquer coisa que decidisse.

Assim, essa atitude me acompanhou nas minhas duas primeiras Olimpíadas, em 1988 e 1992. Achava que se eu não fosse às Olimpíadas para ganhar, então era um fracasso. Em 1988, ganhei três ouros. Em 1992, ganhei um ouro e

Ser uma atleta olímpica é uma experiência fantástica mesmo sem ganhar, e é disso que eu sentia falta anteriormente. Até 1996, eu era feliz de ser atleta olímpica, de estar competindo e representando meu país. Obviamente, eu estava mais madura com 24 anos do que quando tinha 17, então isso também contribuía.

Lembro-me de estar sentada na Vila Olímpica em Atlanta e escutar cinco ou seis línguas diferentes à minha volta na sala de jantar, e eu apenas sentava lá sozinha, e dizia: “Nossa, isso é incrível.” Estou vivendo em uma comunidade há duas semanas com 10 mil atletas – isso não é maravilhoso? Isso é o que realmente são os Jogos Olímpicos. ■

Sobre Janet Evans

Data de nascimento: 28 de agosto de 1971

Local de nascimento: Placentia, Califórnia, EUA

Atleta olímpica americana

- 1988 Seul: Medalhas de ouro – 400m nado livre, 800m nado livre e 400m medley.
- 1992 Barcelona: Medalha de ouro – 800m nado livre; medalha de prata – 400m nado livre.
- 1996 Atlanta: competidora; carregadora da tocha no estádio com o boxeador americano Muhammad Ali.

Primeira mulher a quebrar a barreira de 16 minutos para os 1.500 metros durante campeonatos de natação americanos em 1987.

Hoje: Evans é oradora inspiradora, esposa e mãe de uma menina, nascida em 2006.

Os Competidores

Os últimos meses da contagem regressiva para os Jogos Olímpicos são um período crucial para as olimpíadas quadrienais. Eventos preliminares e testes estão sendo realizados enquanto as nações selecionam os competidores mais fortes para integrarem as equipes que participarão dos Jogos Olímpicos.

Embora a composição das equipes ainda não tenha sido definida em todas as nações, o passado poderá servir de guia para o possível desempenho de cada uma das nações nesses Jogos de Verão. Nos últimos anos, a China, a Federação Russa e os Estados Unidos obtiveram extensos registros de classificação nas primeiras colocações entre as nações que conquistam medalhas. Neste ano, os atletas chineses ainda terão a vantagem de competir em casa, possivelmente aumentando suas chances. Diversas outras nações da Europa Ocidental e da Ásia já se acostumaram a despedir-se de uma cidade olímpica levando muitas medalhas nas malas.

Algumas nações ou atletas vencedores de competições recentes poderão tornar-se os competidores mais fortes dos Jogos de Pequim. Apresentamos alguns desses atletas nas páginas a seguir, enquanto aguardamos os momentos emocionantes em que um competidor desconhecido e inesperado se destaca do grupo e nos surpreende a todos.



Eckehard Schulz/AP Images

Em 2004, a esgrimista Mariel Zagunis — à esquerda, competindo no Campeonato Mundial de Esgrima da Alemanha em 2005 — foi a primeira americana a conquistar medalha de ouro olímpica nesse esporte em um século. Ela deverá fazer parte da equipe olímpica dos EUA em 2008



Manu Fernandez/AP Images

A competidora de taekwondo Diana Lopez, à direita, acerta golpe na adversária sul-coreana durante competição em Madrid, em 2005. Lopez fez história nas Olimpíadas em abril de 2008, quando ela e seus dois irmãos entraram para a equipe dos EUA nesse esporte, a primeira vez em mais de um século que três irmãos se qualificaram para a mesma equipe olímpica. Steven Lopez conquistou duas medalhas de ouro nos últimos Jogos Olímpicos. O terceiro irmão, Jean Lopez, será técnico da equipe olímpica de taekwondo dos EUA



L.G. Patterson/AP Images

Michael Phelps é um dos principais nadadores dos EUA, tendo conquistado oito medalhas nos jogos de Atenas de 2004 — seis de ouro e duas de bronze. Em encontro realizado em 2008 em Colúmbia, no Missouri, mostrado aqui, Phelps confere seu tempo nas finais de 200 metros. Phelps venceu a disputa, mas não quebrou seu próprio recorde



Chitose Suzuki/AP Images

Zhang Yinin, da China, à esquerda, e sua colega de equipe Wang Nan comemoram a vitória no tênis de mesa nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004



Thomas Kienzie/AP Images

Yelena Isinbayeva, da Rússia, prepara-se para a prova de salto com vara no Campeonato Mundial de Atletismo Indoor na Espanha, em março de 2008. Ela conquistou a medalha de ouro olímpica em 2004 e continua como forte competidora, tendo conquistado medalha de ouro no evento de Valência



Rick Bowmer/AP Images

O russo Alexander Povetkin, à esquerda, derrotou o italiano Roberto Cammarelle a caminho da medalha de ouro dos pesos superpesados no boxe dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004



Anja Niedringhaus/AP Images

O chinês Liu Xiang venceu os 110 metros com barreira em Atenas e bateu o recorde mundial nesse evento. Liu deverá lutar pela medalha novamente em Pequim em 2008 e é também candidato a fazer parte do Comitê Olímpico Internacional. Os atletas participam das eleições a serem realizadas durante os jogos de Pequim



Michael Sohm/AP Images

Os medalhistas de ouro da França, da esquerda para a direita, Jerome Jeannet, Hugues Obry, Eric Boisse e Fabrice Jeannet, saboreiam a vitória na competição de florete por equipe masculino dos Jogos de Atenas. A esgrima é um esporte tradicionalmente forte na França, que também tem um recorde consolidado de classificação entre as dez nações com maior número de medalhas durante os Jogos Olímpicos



Itsumo Inouye/AP Images

As jogadoras italianas da equipe de pólo aquático conquistaram a medalha de ouro em Atenas. Manuela Zanchi, à direita, faz defesa em jogo preliminar contra o Cazaquistão



Koji Sasahara/AP Images

A equipe italiana de voleibol masculino tentará defender em Pequim a medalha de ouro conquistada em 2004. Nesta vitória de 2006 no Campeonato Mundial de Hiroshima, Luigi Mastrangelo dá uma cortada em Roberlandy Simon Aties de Cuba



Eric Gay/© AP Images

Membros da equipe de beisebol de Cuba dão a volta no campo empunhando a bandeira nacional depois de conquistar a medalha de ouro em Atenas, em 2004. Cuba ficou em 11o lugar na contagem de medalhas por nação em 2004 e em nono em 2000



Ricardo/© AP Images

O japonês Tadahiro Nomura, à direita, derruba o georgiano Nestor Khergiani durante a final masculina dos pesos superleves do judô em Atenas. Nomura repetiu suas vitórias de 1996 e de 2000 e conquistou a medalha de ouro. Competindo novamente em 2008, ele tentará fazer parte da seleta elite dos esportistas olímpicos que conquistaram medalhas de ouro quatro vezes no mesmo evento



Mark Baker/© AP Images

A etíope Meseret Defar conquistou a medalha de ouro nos 5 mil metros neste momento dos Jogos de Atenas. No Campeonato Mundial Indoor de 2008, ela conquistou sua terceira medalha de ouro nos 3 mil metros. A Etiópia tem longa tradição em apresentar atletas competitivos em eventos de corrida de longa distância



David Guttenfelder/© AP Images

Andreas Dittmer, da Alemanha, rema para a medalha de ouro na final masculina dos 500 metros em canoa simples (C1) em Atenas, em 2004. Os alemães levaram 16 medalhas nas provas masculinas e femininas de canoagem e caiaque naquele ano, levando o país ao sexto lugar entre as nações na contagem de medalhas



Ed Wray/© AP Images

No arremesso de peso, a alemã Nadine Kleinert observa seu lance voando rumo à medalha de bronze em Atenas



Eric Risberg/© AP Images

Os ciclistas australianos venceram a disputa entre equipes masculinas em Atenas. A Austrália ficou em quarto lugar na contagem de medalhas conquistadas por nação, tanto em 2000 quanto em 2004

DA CABINE DE IMPRENSA

Desde quando pela primeira vez os Jogos Olímpicos foram assistidos pelo mundo todo, por meio da transmissão televisiva via satélite de Tóquio, em 1964, as competições tornaram-se eventos locais em toda a parte. O grande interesse do público atraiu cada vez mais a atenção dos veículos de informação, transformando os jogos em eventos de mídia épicos. Cobrir as Olimpíadas é o supra-sumo para os jornalistas esportivos, mas também exige muito — duas semanas com muitos eventos para cobrir, prazos curtíssimos e pouco tempo para dormir. Além das exigências do trabalho, os jornalistas esportivos descobrem também que podem inesperadamente ficar à margem da história à medida que esta se desenrola.

Maratona Jornalística

Claudio Nogueira

Claudio Nogueira cobriu os Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas, para o jornal O Globo do Rio de Janeiro. Ele relembra a tarefa como um teste de habilidade e resistência, não muito diferente da experiência dos atletas.

Nogueira é jornalista do O Globo desde 1987. Ele cobrirá os Jogos Olímpicos de 2008 em Pequim.

Quando cheguei a Atenas para cobrir os jogos de 2004, senti como se estivesse reunido com o mundo todo em uma única cidade. Assim como todo atleta sonha e se esforça para participar das Olimpíadas, o mesmo ocorre com os jornalistas. Cobrir esse evento é uma das atribuições mais importantes para um jornalista e uma das que mais exige.

Cobrir os Jogos Olímpicos é um trabalho árduo. Logo após o café da manhã, eu corria para o ônibus da imprensa para chegar aos locais dos jogos ou dos treinamentos do dia. Em geral, cobria um evento pela manhã, um segundo à



A atleta de salto triplo dos EUA Tiombe Hurd conversa com jornalistas durante as Olimpíadas de 2004 em Atenas

tarde e possivelmente outro à noite. Nos intervalos entre as entrevistas e os jogos tentava escrever do modo mais rápido, inteligente e criativo que pudesse para cumprir a tarefa.

De certo modo, estar nas Olimpíadas como jornalista também faz de você um atleta. Você começa cedo e movimenta-se rápido a todo o momento do dia. Combina

com os colegas sobre diferentes eventos a cobrir, corre para pegar os ônibus da imprensa entre um lugar e outro e carrega um laptop e outros equipamentos que ficam mais pesados a cada hora. Eu precisava também arrumar tempo para gravar um boletim de áudio diário para o site do O Globo [www.oglobo.com.br] sobre tudo o que tinha coberto naquele dia. Em algum momento dessa programação, também tentava me alimentar e telefonar para minha esposa, Vânia, em casa.

O dia terminava com o jantar junto com os colegas e, depois, cama, para estar pronto para outro dia dessa maratona jornalística.

Quando cheguei a Atenas já tinha uma lista de eventos para cobrir, baseada na minha experiência de repórter e nos esportes em que os atletas brasileiros poderiam brilhar.

Minha primeira prioridade era a ginástica de solo. O Brasil tinha esperanças de medalha de ouro para Daiane dos Santos, que havia sido campeã mundial em 2003. Infelizmente, Daiane teve uma contusão e terminou em quinto lugar nas finais, perdendo a tão almejada medalha. Essa foi a maior decepção para os brasileiros nos Jogos de Atenas.

Após a frustração da ginástica na primeira semana, minha principal tarefa na segunda semana foi cobrir o time brasileiro de voleibol masculino. A essa altura, o Brasil caminhava para as finais, jogando contra a Itália. As apostas no time eram altas. Em 1992, em Barcelona, o Brasil havia ganhado a medalha de ouro no voleibol masculino, e todo mundo esperava por uma repetição desse feito. Foi uma partida bastante tensa, mas o Brasil venceu a final — por 3 sets a 1 — e levou o ouro.

Cobri os Jogos Pan-Americanos de 1999 e 2003 e vi os atletas do meu país ganharem muitas medalhas de ouro. Mas em Atenas foi a primeira vez que cobri a conquista brasileira de uma medalha olímpica. Devo confessar que um ouro olímpico é uma experiência totalmente diferente. É o auge, é o máximo.

Essa história mostra um problema com o qual todos os jornalistas esportivos precisam lidar durante os torneios internacionais — o equilíbrio entre as responsabilidades profissionais e as próprias emoções. Sou jornalista, mas também sou brasileiro. Portanto, quando estou cobrindo



Membros do time de voleibol brasileiro comemoram a conquista da medalha de ouro na disputa contra a Itália, em Atenas

© Sergio Moraes/Reuters/Corbis

um evento, obviamente espero que os atletas brasileiros ganhem. Ao mesmo tempo, não estou lá para torcer. Ao longo da minha carreira aprendi a conter minhas emoções de torcedor e a assistir ao torneio como um observador credenciado por um jornal para escrever sobre o que viu. Escrever é o meu dever. Quando escrevo para um jornal, sou de algum modo parte da história e parte da história da minha nação nessa celebração global que são os Jogos Olímpicos. ■

O Maior Velocista Vira Pó

James Mossop



Rituais coreanos antigos e tecnologia da era espacial uniram-se para criar um espetáculo de três horas na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 1988 em Seul

James Mossop é jornalista esportivo do Telegraph em Londres, cobriu os Jogos Olímpicos oito vezes e também estará a serviço nos Jogos de Pequim. Ele recebeu o Prêmio da Imprensa Britânica de jornalista esportivo olímpico do ano por sua cobertura dos Jogos de 1992 em Barcelona.

Os Jogos de 1988 em Seul destacam-se em suas lembranças pela forma como mudaram a natureza do jornalismo esportivo e a competição olímpica.

Eu me lembro das Olimpíadas de Verão de 1988 em Seul como minha chegada a uma encruzilhada cultural e tecnológica.

Os Jogos começaram com uma magnífica cerimônia de abertura coreografada que superava qualquer das anteriores. O estádio principal e suas maravilhas

arquitetônicas eram impressionantes, com um teto retrátil curvo e uma série de inovações no sistema de iluminação e nos painéis de informação. Em todos os locais, os equipamentos eletrônicos e os aparelhos de contagem de tempo e medição eram ultramodernos, uma demonstração da crescente sofisticação da Coreia do Sul e de sua situação de economia de ponta em expansão.

Questões mais mundanas afetaram as pessoas cujo trabalho era transmitir os eventos da capital sul-coreana aos veículos de imprensa de outros lugares. Uma pequena e seleta parcela de profissionais da televisão, do rádio e da mídia impressa do Ocidente falava o idioma do país.

Isso fazia com que a locomoção de táxi para qualquer lugar se tornasse uma novela. Os veículos eram pequenos, todos os motoristas usavam luvas e insistiam em sorrir para você em vez de prestar atenção no trânsito.

Era especialmente aflitivo porque os motoristas coreanos nem sempre estavam conscientes da disciplina no trânsito a que estamos acostumados na Grã-Bretanha. Constantemente precisava me proteger contra uma colisão iminente. Os motoristas de táxi em Seul — e possivelmente em outros locais do país — também têm o hábito de parar nos pontos de ônibus e oferecer carona às pessoas ao longo do caminho para o seu destino.

O desafio tecnológico veio com o laptop. Pela primeira vez muitos de nós cobrimos um evento como aquele com esse tipo de máquina. Alguns de nós não receberam mais do que meia hora de instruções básicas sobre o computador Tandy e fizeram as malas para os Jogos, sentindo que o lápis e o papel não eram mais as ferramentas da nossa profissão.

Na Vila da Mídia, podia-se ouvir noite adentro os gritos de frustração das pessoas que tentavam enviar suas matérias para os editores em seu país, pois os computadores recusavam-se a cooperar.

No final, parte da equipe de jornalistas britânicos enfiou os laptops na mala e voltou ao velho método de ditar as matérias para a redação do jornal. Devido à diferença de fuso horário entre a Coreia e a Grã-Bretanha, isso significava invariavelmente mais trabalho noturno.

Com eventos sendo realizados desde cedo pela manhã até tarde da noite, a maioria dos jornalistas se alimentava durante o dia na banca de macarrão instantâneo que ficava atrás do estande da imprensa. Alguns de nós lembram os eventos de Seul como os “Jogos do macarrão instantâneo”

Apesar da alimentação, do idioma e dos desafios tecnológicos, a maior comoção nos quartos e corredores da Vila da Mídia surgiu quando as pessoas foram acordadas com a notícia, dada em primeira mão pela agência francesa AFP, de que o velocista canadense Ben Johnson havia sido reprovado no exame antidoping.

A luta por informações instantâneas foi intensa. Membros do Comitê Olímpico Internacional foram tirados da cama. As linhas telefônicas começaram a congestionar, e os laptops que poderiam ter ajudado na comunicação permaneciam inúteis.

Dois dias antes, todo mundo tinha escrito maravilhas sobre o maior velocista de todos os tempos. Johnson havia sido retratado como um atleta excepcionalmente impressionante pelos 39 passos que deu desde o tiro de largada até a linha de chegada e à medalha de ouro dos 100 metros. Tudo isso agora tinha virado pó.



Lennox McLendon/AP Images

O velocista canadense Ben Johnson foi cercado por repórteres no Aeroporto de Kimpo, em Seul, ao tentar deixar o país. O Comitê Olímpico Internacional cassou a medalha de ouro de Johnson na corrida dos 100 metros depois que seu exame deu positivo para esteróides

O herói se tornara uma farsa que alegava inocência, mas todos sabiam que ele era culpado. Condutas impróprias já haviam manchado os Jogos Olímpicos antes, é claro. Em 1976, descobriu-se que um esgrimista russo tinha um dispositivo eletrônico na arma que lhe rendia pontos ilícitos. Revendo agora esse passado, é fácil considerar a má conduta de Johnson como uma nova arena para trapacear nos esportes e o indício de que novas matérias sobre doping iriam surgir.

Johnson foi descoberto porque novas tecnologias no exame antidoping fizeram avançar a ciência de detecção de uso de drogas. Desde a desgraça de Johnson, aumentou a prevalência do uso de drogas, que foi acompanhada de perto pelos avanços tecnológicos para sua detecção. A “lista da vergonha” inclui vários nomes famosos, agora esquecidos — a corredora americana Marion Jones, a velocista americana Kelli White e o velocista inglês Dwain Chambers. Os velocistas gregos Kostas Kenteris e Katerina Thanou envergonharam seu país quando evitaram o exame em Atenas, em 2004, e abandonaram misteriosamente a competição quando os Jogos estavam para começar.

Foram descobertas 24 violações em todas as modalidades durante as Olimpíadas de 2004 em Atenas, e, certamente, outros tentarão burlar o sistema no futuro. No entanto, o pelotão de testes parece estar próximo a manter as drogas que melhoram o desempenho esportivo fora dos Jogos Olímpicos. ■

“Alguma Coisa Está Acontecendo na Vila Olímpica”

Barry Newcombe

Os Jogos Olímpicos criam uma breve janela de tempo quando nos permitimos acreditar que a paz e a boa vontade prevalecem no mundo, que competição e harmonia podem coexistir. Essa crença tornou-se ilusão em 5 de setembro de 1972, em Munique, quando atletas olímpicos israelenses foram feitos reféns pela organização terrorista Setembro Negro.

Barry Newcombe relembra o dia e sua atuação como jovem repórter de um jornal britânico.

O autor é atualmente presidente da Associação de Jornalistas Esportivos da Grã-Bretanha.

Era a segunda terça-feira dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. Como era um dia em que não haveria competições de atletismo, esperava-se trabalhar menos. Mas o telefone junto da minha cama começou a tocar logo depois das seis da manhã. A voz ao telefone disse: “Alguma coisa está acontecendo na Vila Olímpica; você deveria ir até lá.”

Corri para a escada e desci rápido, trocando o alojamento da imprensa pelo ar da manhã. Todos ao meu redor corriam em direção à vila, levados por uma gigantesca onda de rumores. Quando refiz o mesmo caminho 24 horas depois, o mundo olímpico havia virado de pernas para o ar. E o meu também. Eu era um jornalista esportivo na cobertura da maior história da minha carreira.

Do ponto de vista do tempo, as notícias daquele dia encaixavam-se perfeitamente no cronograma da produção do jornal em que eu trabalhava, o Evening Standard londrino. O fuso horário de Munique era uma hora a mais



Nos Jogos de Munique de 1972, um policial alemão armado estava no telhado do dormitório onde membros da equipe olímpica de Israel haviam sido capturados pouco antes e mantidos reféns pelo grupo terrorista Setembro Negro

que Londres; minha primeira edição logo estaria sendo impressa. Quatro outras edições seriam impressas no final da tarde. Éramos dois para realizar a tarefa: meu colega sênior, jornalista de atletismo, e eu. O outro membro da nossa equipe estava hospitalizado, à espera de uma cirurgia cardíaca.

Em comparação com os dias de hoje, a comunicação era limitada. Para poder me comunicar com a redação do jornal, eu tinha de procurar um telefone para que fizesse ligações internacionais, assim como toda a multidão de jornalistas de várias partes do mundo. A demanda por telefones era enorme, parte importante das dificuldades que envolviam uma tarefa tão extraordinária. Não havia cabines telefônicas no local do lado de fora da Vila Olímpica onde, no número 31 de uma rua de nome Connolly Strasse, terroristas árabes mantinham 11 atletas israelenses como reféns.



© AP Images

Dois helicópteros da polícia alemã estão no campo da base aérea de Fürstenfeldbruck após terem sido usados para transportar terroristas armados e reféns da equipe olímpica israelense. O helicóptero em primeiro plano foi destruído por uma explosão de granada de mão detonada por um dos terroristas, aparentemente preferindo o suicídio ao risco de ser capturado. Onze israelenses e um policial alemão morreram. Cinco dos oito terroristas foram mortos pela polícia em uma tentativa de resgate fracassada



© AP Images

Operador de câmera não identificado foi expulso da Vila Olímpica por um policial alemão após tentar filmar o prédio onde os terroristas mantiveram os atletas israelenses como reféns

muito lento. Na hora em que o processo de produção do meu jornal chegou ao fim, todos continuavam na mesma posição — os terroristas, os reféns, a mídia. Disseram que um repórter havia colocado uma roupa de corrida e corrido até a Vila Olímpica, afirmando ser um maratonista em exercícios de treinamento. Outro teria rastejado por baixo da cerca que a cercava.

Quando a luz do dia acabou, ficou claro que as autoridades levariam os principais jogadores da rua de nome Connolly Strasse para o aeroporto. A notícia era que os terroristas haviam exigido a libertação de 234 árabes detidos em prisões israelenses e também trânsito seguro para deixar

Os rumores corriam soltos durante todo o dia, atrás de informações precisas. Na Fleet Street, em Londres, chamamos isso de “degrau de igreja”, quando uma multidão de jornalistas espera horas a fio por qualquer pedacinho de notícia sobre a história que está cobrindo. Naquele dia, nosso acesso aos fatos foi

cópteros foi dito ser decisivo, e poucos eram os que sabiam, com algum grau de precisão, o que havia acontecido. Uma vez mais, os rumores precediam os fatos.

A mídia retirou-se para o principal centro de imprensa. As primeiras notícias foram animadoras — todos estão seguros, disseram as autoridades. Essa declaração foi publicada como fato na primeira página de todos os jornais da Grã-Bretanha e de muitos outros países. O longo dia e a longa noite chegavam ao fim de forma satisfatória, pensávamos.

Mas tudo ainda estava muito longe de acabar. Outra coletiva de imprensa foi convocada de última hora. Dessa vez a história era completamente diferente — ninguém havia se salvo. Estavam todos mortos, disseram. O amanhecer chegou sombrio alguns minutos depois.

Arranjei uma mesa, escrevi a história e quando a redação do jornal abriu as portas para o novo dia dei mais de mil palavras sobre a mais longa operação que eu já havia testemunhado. Como muitos outros jornalistas esportivos, eu tinha tido de atender às exigências. Era uma indicação de que as lições que aprendera como estagiário mostrariam seu valor sob pressão.

Os Jogos de Munique recomeçaram e foram prorrogados por um dia. Eles jamais serão esquecidos por quem esteve lá. As implicações para a segurança tornaram-se óbvias a partir de então, e o espírito olímpico terá de conviver com essa vigilância. Não há como ignorar essa realidade. Uma coisa é certa sobre Munique 1972. Os acontecimentos desse ano têm influenciado o planejamento de cada um dos Jogos Olímpicos realizados desde então e continuarão a fazê-lo. ■

Recursos

Fontes para informações sobre os Jogos Olímpicos

INTERNET

Olimpíadas de Pequim

<http://en.beijing2008.cn/>

Jogos Paraolímpicos de Pequim

<http://en.beijing2008.cn/paralympic/>

Site Oficial do Movimento Olímpico

<http://www.olympic.org>

História dos Jogos Olímpicos

http://www.olympic.org/uk/games/index_uk.asp

Departamento de Energia dos EUA

Os Estados Unidos assumiram compromisso com a China em diversos projetos bilaterais e multilaterais para fazer avançar o uso de energia limpa e eficiente.

<http://www.energy.gov/news/5080.htm>

Agência de Proteção Ambiental dos EUA

A Agência de Proteção Ambiental dos EUA (EPA) tem trabalhado com o Comitê Organizador de Pequim para os Jogos Olímpicos no sentido de ajudar a cidade a alcançar o objetivo de ter ar saudável para as Olimpíadas de Verão de 2008.

<http://www.epa.gov/international/airandclimate/byregion/chinaair.html>

Comitê Olímpico dos EUA

<http://www.usoc.org>

Movimento Olímpico dos EUA/Equipe dos EUA

http://www.usolympicteam.com/19116_18922.htm

ATLETAS

Bart Conner

Site oficial: <http://www.bartandnadia.com/biobart.html>

Iztok Cop

Site oficial: http://www.iztokcop.com/index.php?option=com_content&task=view&id=24&Itemid=33

Janet Evans

Official site: <http://www.janetevans.com/index2.html>

Rulon Gardner

Site oficial: <http://www.rulongardner.com/charity.html>

Tab Ramos

Site oficial: <http://tabramos.com/>

Dawn Staley

Site oficial: <http://www.dawnstaley5.com>

Gabriela Szabo

Site oficial: <http://www.gabiszabo.com/>

BIBLIOGRAFIA

LIVROS E DOCUMENTOS

Billings, Andrew C. *Olympic Media: Inside the Biggest Show on Television [Mídia Olímpica: Por Dentro da Maior Exibição na Televisão]*. Nova York: Routledge, 2007.

Brownell, Susan. *Beijing's Games: What the Olympics Mean to China [Jogos de Pequim: O Que as Olimpíadas Representam para a China]*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2008.

Findling, John E. and Kimberly D. Pelle, eds. *Encyclopedia of the Modern Olympic Movement [Enciclopédia do Movimento Olímpico Moderno]*. Edição revista e ampliada Westport, Connecticut: Greenwood, 2004.

Gold, John R. and Margaret M. Gold, eds. *Olympic Cities: City Agendas, Planning, and the World's Games, 1896-2012 [Cidades Olímpicas: Agendas e Planejamento das Cidades e Jogos Mundiais, 1896-2012]*. Nova York: Routledge, 2007.

Preuss, Holger. *The Economics of Staging the Olympics: A Comparison of the Games, 1972-2008 [Questões Econômicas ao Sediar as Olimpíadas: Uma Comparação dos Jogos, 1972-2008]*. Cheltenham, Reino Unido; Northampton, Massachusetts: E. Elgar, 2004.

Estados Unidos. Comissão Executiva do Congresso sobre a China. As Olimpíadas de Pequim e os Direitos Humanos. Mesa-redonda realizada perante a Comissão Executiva do Congresso sobre a China, Centésimo Sétimo Congresso, segunda sessão, 18 de novembro de 2002. "http://frwebgate.access.gpo.gov/cgi-bin/getdoc.cgi?dbname=107_house_hearings&docid=f:83979.pdf"

PARA JOVENS LEITORES

Fischer, David. *The Encyclopedia of the Summer Olympics [Enciclopédia das Olimpíadas de Verão]*. Nova York: F. Watts, 2003.

Gifford, Clive. *Summer Olympics: The Definitive Guide to the World's Greatest Sports Celebration [Olimpíadas de Verão: Guia Definitivo para Celebração dos Esportes Mais Importantes do Mundo]*. Boston, Massachusetts: Kingfisher, 2004.

Girginov, Vassil and Jim Parry. *The Olympic Games Explained: A Student Guide to the Evolution of the Modern Olympic Games [Os Jogos Olímpicos em Detalhes: Um Guia para o Estudante sobre a Evolução dos Jogos Olímpicos Modernos]*. Londres; Nova York: Routledge, 2005.

Hasday, Judy L. *Extraordinary Women Athletes [Atletas Extraordinárias]*. Nova York: Children's Press, 2000.

LIVROS DE ATLETAS OLÍMPICOS

Conner, Bart. *Winning the Gold [A Conquista do Ouro]; com Paul Ziert*. Nova York: Warner Books, 1985.

Evans, Janet. *Janet Evans' Total Swimming [A Natação Completa de Janet Evans]*. Champaign, Illinois: Human Kinetics, 2007.

Gardner, Rulon. *Never Stop Pushing: My Life From a Wyoming Farm to the Olympic Medals Stand [Nunca Pare de Se Esforçar: Minha Vida de uma Fazenda em Wyoming até o Pódio de Medalhas Olímpicas]; com Bob Schaller*. Nova York: Carroll and Graf, 2005.

FILMOGRAFIA

FILMES DE LONGA METRAGEM

Carruagens de Fogo (Chariots of Fire) (1981)

Diretor: Hugh Hudson

Duração: 124 minutos

Sinopse: Em 1924, os melhores atletas da Inglaterra começam a tentar a glória nos Jogos Olímpicos. O sucesso trará honras para a nação, mas para dois corredores campeões, a honra em jogo é pessoal e o desafio enfrentado é o desafio interior. <http://www.imdb.com/title/tt0082158/>

Munique (Munich) (2005)

Diretor: Steven Spielberg

Duração: 164 minutos

Sinopse: As Olimpíadas de 1972 em Munique foram interrompidas por terroristas palestinos. Esse filme trata desses acontecimentos e das conseqüências do Setembro

Negro, envolvendo cinco homens indicados para eliminar os responsáveis.

<http://www.imdb.com/title/tt0408306/>

Running Brave (Running Brave) (1983)

Diretores: D.S. Everett, Donald Shebib

Duração: 106 minutos

Sinopse: A história de Billy Mills, indígena americano que saiu da obscuridade para ganhar os 10 mil metros como velocista nas Olimpíadas de Tóquio em 1964.

(<http://www.imdb.com/title/tt0086220/>)

Prova de Fogo (Without Limits) (1998)

Diretor: Robert Towne

Duração: 117 minutos

Sinopse: O filme narra a vida do famoso corredor de 1970 Steve Prefontaine, desde sua juventude no Oregon, passando pela Universidade de Oregon até as Olimpíadas em Munique e sua morte prematura em um acidente de carro aos 24 anos.

<http://www.imdb.com/title/tt0119934/>.

DOCUMENTÁRIOS

16 Days of Glory [16 Dias de Glória] (1986)

Diretor: Bud Greenspan

Duração: 145 minutos

Sinopse: Registro fotográfico das Olimpíadas de Los Angeles em 1984, revelando os bastidores pelo olhar de seus participantes.

<http://www.imdb.com/title/tt0090559/>

16 Days of Glory (1986)

Director: Bud Greenspan

Running time: 145 minutes

Synopsis: Photographic record of the 1984 Los Angeles Olympics, told "from the inside" through the lives of the participants.

<http://www.imdb.com/title/tt0090559/>

Olimpíadas de Tóquio (Tokyo Olympiad) (1965)

Título variante: Tokyo Olympic

Diretor: Kon Ichikawa

Duração: 170 minutos (relançamento em 1984) / EUA 93 minutos

Sinopse: Estudo épico da luta dos atletas para superar seus próprios corpos e seus adversários. Kon Ichikawa usou 164 operadores de câmera e mais de 100 câmaras para mostrar o lado humano dos competidores — as lágrimas das campeãs japonesas do voleibol feminino, o berro dos atiradores de martelo, a dor do maratonista sem forças e a solidão do perdedor ao terminar sua volta, apanhar seu agasalho e deixar a pista. <http://www.imdb.com/title/tt0059817/>



America.gov
Telling America's Story

Nova home page de eJournal USA

<http://www.america.gov>



UMA REVISTA
MENSAL
OFERECIDA EM
DIVERSOS
IDIOMAS

